

Sombra das coisas vindouras?

O SÁBADO EM
COLOSSENSES 2:16 E 17



“NÃO GANHAMOS A SALVAÇÃO
PELA NOSSA OBEDIÊNCIA;
POIS A SALVAÇÃO É A DÁDIVA
GRATUITA DE DEUS, QUE DEVE
SER RECEBIDA PELA FÉ. MAS A
OBEDIÊNCIA É O FRUTO DA FÉ.”

ELLEN G. WHITE, *AOS PÉS DE CRISTO*,

P. 70, ED. P. ATLÂNTICO.



VIVER MAIS
A ESPERANÇA

"EIS QUE CEDO VENHO"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR

António Rodrigues

Chefe de Redação

Paulo Sérgio Macedo

Coordenador Editorial

Paulo Lima

E-mail revista.adventista@pservir.pt

Colaboradores de Redação

Manuel Ferro e Lara Figueiredo

Projeto Gráfico e Diagramação

Sara Calado

PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

Diretor Carlos Simões Mateus

Sede e Administração

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almagem do Bispo Tel.: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01

Controlo de Assinantes Paulo Santos

E-mail: assinaturas@pservir.pt Tel.: 21 962 62 19

Impressão e Acabamento MDI – Design e Impressão V. N. Famalicão

Tiragem 1500 exemplares

Depósito Legal Nº 1834/83

Preço Número Avulso €1,90

Assinatura Anual €19,00

Isento de Inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1a ISSN 1646-1886

Ilustrações da revista © Adobe Stock

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgada a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..



REFLEXÃO

21 Morte antes da Queda?

Como tem sido frequentemente o caso, a Ciência está enganada – e é tudo.



INTERPRETANDO AS ESCRITURAS

32 Ensina o Génesis que a Terra pré-existia sem forma antes da semana da Criação?

Tem-se gasto muita tinta sobre o sentido dos primeiros dois versículos da Bíblia.



ENTREVISTA

28 Cimeira Global sobre Religião, Paz e Segurança

A Cimeira vista pelos olhos do Dr. Emanuel Esteves.

04 O SÁBADO DO SENHOR

EDITORIAL

05 CALENDÁRIO / BANCO DE LEITURA

18 NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

20 NOTÍCIAS NACIONAIS

31 PLANOS E DETALHES

ESPAÇO JUVENIL

06 VER O MUNDO ATRAVÉS DE ÓCULOS COLORIDOS PELO AMOR > **TEOLOGIA**
Quando eu era miúdo, havia apenas duas coisas que conhecia com absoluta certeza: a dor e o amor.

11 SOMBRA DAS COISAS VINDOURAS? > **ARTIGO DE FUNDO**
Os "sábados" referidos em Colossenses 2:16 são os Sábados semanais do Decálogo?

22 PEDIR, BUSCAR E BATER > **VIDA CRISTÃ**
Que oração é esta que recebe sempre um "sim" como resposta?

26 TEXTO E CONTEXTO > **ESPIRITO DE PROFECIA**
Orientações de Ellen White para bem se interpretar o Espírito de Profecia.





O S3bado do Senhor

"A bençoou Deus o s3timo dia, e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra que criara e fizera" (G3nesis 2:2 e 3).

Um dia especial, separado, diferente de todos os outros dias da semana. Um dia para estarmos mais dispon3veis para o sagrado e para recebermos as b3nç3os que Deus tem para nos dar. O profeta Isa3as 3 bem claro. Nesse dia devemos deixar os nossos "pr3prios interesses" de lado (Isa3as 58:13). Algumas Igrejas afirmam que guardam o domingo porque "Jesus Cristo ressuscitou no domingo". Assim, defendem que o domingo 3 a plenitude do S3bado judaico. Outras Igrejas declaram que a Lei de Deus foi abolida e que o S3bado foi instituído apenas para os Judeus.

Na Sua miseric3rdia, Deus sempre suscitou um mensageiro para proclamar a verdade. No fim do per3odo prof3tico das 2300 tardes e manh3s de Daniel 8:14, Deus chamou um pequeno povo – que recebeu o nome de "Igreja Adventista do S3timo Dia" – para combater as heresias doutrin3rias e proclamar a verdade b3blica. Os Adventistas do S3timo Dia reconhecem plenamente o S3bado como dia santo,

de acordo com o quarto mandamento do Dec3logo. Como poder3amos sinceramente dizer que o domingo ou qualquer outro dia 3 o dia do Senhor, conhecendo o que as Escrituras dizem acerca da santidade do S3bado? Seria a Igreja Adventista do S3timo Dia apenas mais uma Igreja no meio de tantas outras? Deus foi bem claro. Ele fez o S3bado n3o para o Judeu ou para o Grego, mas para o Homem: "O s3bado foi feito por causa do homem" (Marcos 2:27). Deus concedeu ao S3bado o que n3o concedeu a nenhum outro dia: ser um sinal distintivo de lealdade para com Deus por parte daqueles que desejam verdadeiramente andar nos Seus caminhos. Assim, o S3bado serve de sinal entre Deus e o Homem: "E santificai os meus s3bados, e servir3o de sinal entre mim e v3s, para que saibais que eu sou o Senhor vosso Deus" (Ezequiel 20:20). Deste modo, todos saber3o quem s3o aqueles que servem o Deus verdadeiro. O valor deste sinal 3 incalcul3vel e n3o pode ser trocado por nenhum outro.

Que todos aqueles que conhecem o S3bado tenham a perfeita consci3ncia de que a sua observ3ncia 3 n3o s3o um ato de f3, mas tamb3m um ato de compromisso com o Deus Criador. Mas pensar

em guardar o S3bado sem procurar viver uma vida santa anula as b3nç3os que Deus nos quer dar. Ellen White escreveu: "Para poderem santificar o S3bado, os homens precisam de ser eles pr3prios santos" (*O Desejado de Todas as Naç3es*, p. 231, ed. P. SerVir). Se permitirmos que as atividades seculares interrompam a comunh3o com Deus vivida no S3bado, cai por terra tudo aquilo que o S3bado significa. 3 claro que a verdade sobre o S3bado sempre foi atacada por aqueles que n3o est3o dispostos a reconhecer esse dia sagrado como sinal entre Deus e o Seu povo. S3o v3rios os argumentos apresentados pelos Crist3os que se esforçam por encontrar raz3es que os desobriguem de observar o S3bado. No artigo de fundo deste m3s 3 dada resposta a um desses argumentos. O autor do artigo mostra como o texto de Colossenses 2:16, quando bem interpretado, n3o fornece qualquer apoio para o abandono da observ3ncia do S3bado. Assim, leia com atenç3o o artigo de fundo e ficar3 mais fortalecido na sua f3 e mais capacitado para defender o S3bado dos ataques de que ele 3 alvo. ✎

Pr. Ant3nio Rodrigues
presidente da UPASD



DIAS ESPECIAIS

Março

04	Dia Internacional de Oração da Mulher
11-18	Semana de Oração JA
18	Dia Global da Juventude/Dia Global das Crianças
25	Dia da Educação

Abril

01	Dia de Jejum e Oração/Dia das Visitas da Escola Sabatina
08	Distribuição Nacional do Livro Missionário
13-16	Acampamentos regionais
15-21	Semana da Literatura de Evangelização
22	Dia das Pessoas com Necessidades Especiais
26-29	XIXª Assembleia Administrativa da UPASD

COMUNIDADE DE ORAÇÃO



Março

06-10	União Suíça (SU)
13-17	Escritórios Nacionais da ADRA (EUD)
20-24	Semana de Oração da Juventude
27-31	Associação da Suíça Franco-Italiana (SU)

Abril

03-07	Conselho de Primavera da Conferência Geral
10-14	União Espanhola (SPU)
17-21	União da Alemanha do Norte (NGU) e União da Alemanha do Sul (SGU)
24-28	União Portuguesa (PU)

PRESENÇA NOS MEDIA



FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30 // ANTENA 1, a partir das 22h47

06/03	Segunda-feira
24/04	Segunda-feira

CAMINHOS

RTP2, às 11h // ANTENA 1, a partir das 06h

26/04	Domingo
-------	---------

Estes horários de emissão podem ser alterados pela RTP2 sem aviso prévio.

ERRATA: Por razões de desformatação informática, foram alterados graficamente alguns dos termos citados em grego no artigo "O Verbo Eterno", da autoria de Paulo Lima. Face ao sucedido, pedimos desculpa.

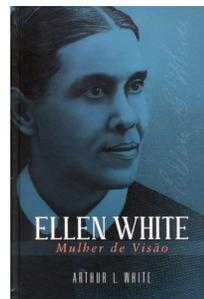


Ellen White – Mulher de Visão

Arthur L. White

Ellen G. White é, sem dúvida alguma, o membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia que mais contribuiu para o desenvolvimento da Igreja. Sem o ministério da Senhora White, a nossa Igreja nunca teria alcançado a envergadura mundial que exhibe presentemente. Na verdade, pode mesmo afirmar-se, sem receio de errar, que a história da serva do Senhor se confunde com a história inicial da nossa Denominação, desde o Grande Desapontamento até 1915. Sendo a autora mais traduzida da História, ela escreveu, durante a sua vida, 5 mil artigos e 26 livros. Graças ao processo de compilação dos seus escritos, hoje estão disponíveis 140 volumes, tendo Ellen White como autora. Toda esta obra resultou das cerca de 2000 visões proféticas que lhe foram dadas por Deus. Amada por milhões e antagonizada pelos críticos do movimento Adventista, Ellen White soube ser uma digna mensageira do Senhor. Sendo humana e tendo falhas, como qualquer ser humano, ela viveu para servir o seu Deus. A sua absoluta dedicação à obra de Deus e a sua total submissão à vontade d'Ele podem ser constatadas em diversos episódios da sua vida.

Ora, o livro que lhe apresento hoje, caro Leitor, é uma extraordinária biografia de Ellen G. White. Ele é a condensação de uma biografia em seis volumes escrita por Arthur L. White, neto de Ellen, a pedido do *White Estate*. De facto, devido à amplitude da obra biográfica escrita por Arthur White, o *White Estate* decidiu que deveria ser publicada uma versão condensada, contendo todos os factos biográficos essenciais da serva do Senhor, que fosse acessível ao Leitor interessado em conhecer a vida e a obra de Ellen White. Esta biografia conta com 39 capítulos. Começando com a experiência do Grande Desapontamento vivida pela jovem Ellen, Arthur White vai narrando o percurso da Senhora White até chegar aos seus últimos dias de vida. Pelo meio há capítulos muito interessantes sobre a Assembleia de 1888, a redação de *O Desejado de Todas as Nações* ou a fundação de Loma Linda. Cada capítulo deste livro oferece-nos uma melhor compreensão do extraordinário alcance espiritual e organizacional da vida de Ellen G. White. Assim, é com alegria que lhe recomendo, caro Leitor, esta obra de 543 páginas. Leia-a e a sua experiência como Adventista do Sétimo Dia será certamente aprofundada. ✨



Paulo Lima

Editor da Revista Adventista

Ver o mundo através de óculos coloridos pelo amor

Quando eu era miúdo, havia apenas duas coisas que conhecia com absoluta certeza: a dor e o amor. O sofrimento definia a minha existência. Horrores assombravam o nosso pequeno lar: os horrores da raiva e do uso de drogas e, pior do que tudo, o horror da violência infligida regularmente à minha mãe. Mas então, no meio de tudo isto, havia um mistério contrário. Havia o amor.

Eu amava a minha mãe e sabia que ela me amava. Eu amava os meus irmãos mais novos e a minha pequenina

irmã. Ao crescer, debati-me poderosamente com o contraste entre o sofrimento e o amor.

“A mãe fica esquisita”

Avancemos rapidamente alguns anos. A minha mãe veio para casa um dia e anunciou que se tinha tornado uma “Cristã Adventista do Sétimo Dia nascida de novo”, o que quer que isso fosse. Ela declarou com um sorriso: “A partir de agora todos vocês serão vegetarianos e nunca mais verão televisão.” O que tinha acontecido à minha mãe? Será que ela iria ficar boa? Será que nós iríamos ficar bem? Ou morreríamos por

COMO É QUE O ADVENTISMO NOS PODE AJUDAR A ORIENTAR NUM MUNDO EM PERPÉTUA MUDANÇA?

falta de consumo de desenhos animados e daquilo a que ela agora chamava “alimentos cárneos”? Bem, rapidamente descobrimos o que lhe tinha acontecido. Uma pessoa estranha chamada “evangelista” tinha invadido a nossa cidade e enchido a “ingénua” cabeça dela com um punhado de novas e estranhas ideias.

Deus nunca tinha sido mencionado antes no nosso lar, mas a mãe já tinha ouvido falar da Bíblia como sendo “a Palavra de Deus”. Tudo o que o evangelista teve de fazer foi citar versículos bíblicos, dizendo frequentemente, e com um ar de autoridade: “A Bíblia diz”, o que tinha como implicação: “Portanto, tu deves fazer isto ou aquilo.” A mãe aceitou o que o homem da Bíblia lhe disse, foi batizada e enviou imediatamente o evangelista ao meu encontro. Mas, para sua total frustração, quando ele me citava a Bíblia, eu olhava-o apenas com um olhar penetrante, que dizia: “E então?”

Eu não pretendia ser descortês. Para mim, a Bíblia era mais uma peça de “Literatura”, como Shakespeare e Dickens. O evangelista, que era conhecido por batizar quem quer que lhe desse ouvidos, disse aos membros de igreja: “Se eu alguma vez encontrei uma alma irremediavelmente perdida, essa pessoa é aquele miúdo Gibson.” Ele tinha desistido.

A empatia vence

A minha mãe nunca desistiu. Rapidamente apareceu na nossa casa um Pastor, ligado ao ministério em favor dos jovens, para “fazer amizade” comigo. Ele esforçava-se por ter “estilo”. Ele era esquisito. Mas era diferente do

outro homem. Ele não me abordava com declarações religiosas cheias de autoridade. Ainda assim, eu achava ridícula a ideia “Deus”. Para pôr fim aos seus esforços destinados a “conquistar” a minha alma, eu decidi descarregar sobre ele a minha descrença.

“Ouve, meu, aparentemente achas a ideia 'Deus' credível, mas eu não. Olha simplesmente para este mundo. Eu não amo todas as pessoas, como tu dizes que Deus ama, mas, se eu visse crianças pequenas a morrerem de fome, eu dar-lhes-ia de comer. Eu não sou todo-poderoso, como tu dizes que Deus é, mas, se eu visse um homem a espancar a sua esposa, eu faria tudo para deter esse monstro. Por isso, não me digas nada acerca de Deus, porque $2 + 2 = 4$, não 56, e essa ideia 'Deus' não se ajusta à realidade.”

“Sim, este mundo é uma grande confusão”, disse ele, “e eu não compreendo porque Deus permite que ele continue a existir sequer mais um dia”. Nesse momento eu senti algum respeito pelo homem. Pelo menos ele podia ver o mundo tal como eu o via e sentir os sentimentos que eu sentia. Ele prometeu que pararia de me aborrecer, se eu simplesmente lesse o primeiro capítulo de um livro que a minha mãe tinha recebido na igreja. Uau! Que belo negócio!

Uma nova equação

Mais tarde, nessa mesma noite, eu abri relutantemente o livro e li a primeira frase: “Deus é amor” (I João 4:8). Eu suspirei e pensei: “Lá vamos nós!” Mas, quando acabei de ler o capítulo, uma dedução simples, com um esmagador poder explicativo, ti-

nha-se formado na minha mente: Amor – Liberdade – Risco.

O amor requer liberdade para existir, mas a liberdade traz em si o risco de que algo se vire contra o amor. Eu fiquei ali sentado, num estado de admiração total. De repente, as coisas começaram a fazer sentido para mim. O peso emocional que eu tinha sentido durante toda a minha vida começou a flutuar por cima da minha cabeça. No espaço de uma hora, todo um novo modo de ver a realidade despontava na minha mente: “Deus é amor.”

Aquelas foram as primeiras palavras teológicas que li. O Adventismo deu-me essas palavras e a percepção aumentada da realidade a que elas dão acesso. O que eu precisava era de um modo de perceber o sentido das forças diametralmente opostas do egoísmo e do amor que, de um modo tão óbvio, combatiam no interior dos seres humanos. O que eu precisava era de um meio de compreender o que se passava neste nosso mundo tão encharcado em sangue e em lágrimas. O que eu precisava, por outras palavras, era de uma mundividência. E foi precisamente isso que o Adventismo me deu.

Mundividências

Toda a gente tem uma mundividência – uma lente através da qual as pessoas tentam perceber o sentido da vida. Mas, embora existam 7,3 biliões de pessoas no Planeta, e centenas de religiões e filosofias, há apenas cinco sistemas de crença básicos.

O Naturalismo – a mundividência do ateu – afirma que não existe tal coisa como o mal

enquanto categoria moral. Tudo o que existe é o processo natural. O sofrimento é parte desse processo e é necessário para a evolução do forte e para a eliminação do fraco. Os seres humanos são animais em processo de evolução, que são governados por forças naturais, e, portanto, não possuem realmente uma vontade livre. Todas as noções de justo e injusto, amor e ódio, misericórdia e justiça, e responsabilidade perante um poder superior, são construções culturais que não têm qualquer base intrínseca na própria realidade.

Panteísmo – a mundividência de que tudo é Deus – diz que não há um Deus pessoal que seja distinto do mundo material. Em vez disso, a própria Natureza constitui uma consciência coletiva de proporções divinas. O mal é uma força de equilíbrio da Natureza e o sofrimento é parte do eterno ciclo da vida. O Panteísmo é, basicamente, uma versão espiritualizada do Naturalismo.

Teísmo determinista – a mundividência do controlo – diz que a principal característica de Deus é o poder e o Seu objetivo principal é ter o controlo. Deus predetermina todos os eventos, tanto bons como maus, incluindo o destino eterno de cada pessoa, seja ele o Céu ou o Inferno. Os seres humanos são os sujeitos sobre os quais age a vontade soberana de Deus, e não possuem vontade livre. O mal e o sofrimento são expressão da vontade de Deus tendo em vista os Seus propósitos imperscrutáveis.

Teísmo de apaziguamento – a mundividência do mérito – diz que a principal característica de Deus é a cólera. Se nos

esforçarmos, as nossas obras de obediência podem granjear-nos o Seu favor e desviar a Sua cólera. O sofrimento é orquestrado por Deus para a satisfação da Sua vontade.

Teísmo benevolente – a mundividência do amor e da liberdade – diz que a característica definidora de Deus é o amor e o Seu principal objetivo é que nós correspondamos voluntariamente ao Seu amor. O mal e o sofrimento provêm do mau uso do livre arbítrio para propósitos contrários ao amor, e o Plano da Salvação é o meio pelo qual Deus erradica o mal do mundo, ao mesmo tempo que preserva o livre arbítrio.

A mundividência é importante

Muito bem. Mas porque é importante a mundividência de uma pessoa? Falando francamente, ela é importante porque aquilo que uma pessoa acredita sobre o conteúdo básico e a configuração da realidade será o principal fator a moldar o seu carácter, os seus padrões de comportamento e a sua dinâmica relacional. As mundividências não

“A VIDA ESPIRITUAL
NO SEU TODO É
MOLDADA PELAS
CONCEÇÕES QUE
TEMOS SOBRE DEUS;
E, SE ACALENTAMOS
PERSPETIVAS ERRADAS
SOBRE O SEU CARÁTER,
A NOSSA ALMA SERÁ
PREJUDICADA.”

são irrelevantes. Em vez disso, cada mundividência constitui uma estrutura psicológica que se reflete na qualidade de vida. Nas palavras de Ellen White: “A vida espiritual no seu todo é moldada pelas concepções que temos sobre Deus; e, se acalentamos perspectivas erradas sobre o Seu caráter, a nossa alma será prejudicada.”¹

Enquanto sistema teológico, o Adventismo encontra-se na categoria do Teísmo benevolente. De facto, eu defendo que o Adventismo tem a capacidade (ainda por realizar) de articular perante o mundo a versão mais convincente, coerente e consistente do Teísmo benevolente que se pode conceber.

Mas permitam-me detalhar esta tese. Este artigo é destinado a expor uma visão sobre o potencial que existe na teologia Adventista. Não é um exame sobre como falhámos em sermos mordomos desse potencial. Haverá aqueles que irão reagir, dizendo algo como: “O quê? Isso não é o Adventismo que eu conheço.” A si, eu diria que o primeiro passo para se mudar qualquer situação é articular positivamente aquilo

que pode ser e começar a agir como se aquilo que queremos que seja verdade fosse verdade.

Assim sendo, que aspeto terá essa visão teológica?

Deus

Bem, para começarmos, se partirmos da premissa de que “Deus é amor”, estamos perante a mais bela crença essencial que se pode imaginar. Dizer-se que “Deus é amor” é dizer que Deus é essencialmente centrado nos outros e que Ele Se dá a Si mesmo. Esta ideia é, falando francamente, espantosa. A partir deste fundamento pode-se deduzir logicamente a doutrina da Trindade. O que queremos dizer com isto é que Deus, enquanto Deus, é amor, independentemente da existência de qualquer ser criado; que Deus é amor no interior dos parâmetros da própria realidade divina, antes da existência, e para além da existência, de quaisquer seres contingentes; que Deus nunca existiu num estado ontológico de isolamento, em que não houvesse um fluxo de amor centrado no outro. Assim, a Trindade é a doutrina que nos informa

que Deus, enquanto Deus, sempre foi mais do que uma Pessoa, mas sendo um só Deus. Conhecer Deus neste horizonte é racionalmente convincente e emocionalmente satisfatório.

Criação

Porque Deus é amor, Deus foi impelido, pela Sua natureza centrada no outro, a criar outros entes com os quais pudesse partilhar a felicidade de uma existência movida pelo amor. Portanto, acreditamos que a Criação é o amor de Deus apresentado sob forma material. De modo a que o amor pudesse existir no seio da Criação, foi necessário incorporar o livre arbítrio no sistema. Por definição, o amor é voluntário.

Quando as Escrituras dizem que Deus fez a Humanidade “à sua imagem”, isto significa que os seres humanos foram concebidos psicológica, emocional e volitivamente para se centrarem no outro.

Mas aqui torna-se imediatamente evidente que há um potencial lado positivo e um potencial lado negativo no que toca ao livre



arbitrio. Se somos livres para nos amarmos reciprocamente, então somos também livres para viver para nós mesmos, em prejuízo do amor recíproco.

A Queda

Porque Deus é amor, segue-se que Deus não exerce um controlo exaustivo sobre a Sua Criação. Tragicamente, o risco inerente ao livre arbitrio tornou-se numa realidade na queda dos anjos e dos seres humanos. Em resultado disso, encontramos-nos a viver no âmbito do grande conflito entre o bem e o mal, uma guerra de vontades, um conflito entre altruísmo e egoísmo. Dois modos de existência diametralmente opostos procuram obter a nossa lealdade.

O pecado não é apenas a infração de regras impostas por um Deus de poder soberano, mas a violação da integridade relacional que foi integrada na realidade por um Deus de amor soberano. O facto de o mal e a dor existirem prova, não a imposição da vontade soberana de Deus ao mundo, mas a perversão do livre arbitrio num mundo capaz de um nobre esplendor moral.

Salvação

Diga-se mais uma vez que, porque Deus é amor, Deus não podia, nem queria, abandonar-nos face ao engano e à destruição. Deus sabia que, no momento em que Ele nos trouxesse à existência, Ele iria amar-nos mais do que a Ele mesmo. Ele também sabia que, se nos virássemos do amor para o egoísmo, Ele continuaria a amar-nos, fosse qual fosse o preço que Ele tivesse de pagar, e buscar-nos-ia até ao limite das Suas capacidades.

Vemos assim que a Cruz estava na mente de Deus desde o início. E, ainda assim, Ele criou-nos! O pecado é contrário ao amor. Assim, o pecado também é uma força anticriação que lança no caos, no sofrimento e na morte tudo o que ele escraviza. A salvação é o plano de Deus para restaurar o amor no seio da Humanidade como único modo de existência.

A Lei

Porque Deus é amor, Ele revelou-nos a essência do Seu carácter sob a forma da Sua Lei, os Dez Mandamentos. A Lei não é uma lista de regras arbitrarias que não têm qualquer fundamento na realidade, mas antes uma descrição do aspeto que tem o amor em ação. Como tal, a Lei não é um meio de salvação, mas uma revelação, por contraste, sobre a nossa natureza caída, despertando em nós o sentimento da necessidade de um Salvador.

O Sábado

Porque Deus é amor, nós somos sabatistas. O Sábado é intrínseco à realidade, no próprio ciclo do tempo e na própria estrutura da Humanidade. O Sábado diz-nos Quem Deus é e quem somos nós em relação a Deus. Ele é o Criador, nós somos as criaturas. Ele é o Redentor, nós somos os redimidos. Tanto na Criação, como na Redenção, Deus realiza a obra, e nós somos recetores dependentes dos Seus dons. O Sábado é uma comemoração semanal do carácter benevolente de Deus, lembrando-nos, a cada sétimo dia, de que nós somos criaturas que descansam no Seu imerecido amor. Portanto, a verdade sobre o Sábado é a antítese

do legalismo e da confiança em si mesmo, quando é corretamente compreendida.

Escatologia

Porque Deus é amor, toda a nossa escatologia se centra na diferença entre a força e a liberdade no que toca à adoração. O ponto crucial de Daniel e de Apocalipse é que os sistemas religiosos que recorrem à coação são diametralmente opostos ao carácter de Deus. Apenas o amor é a base de toda a verdadeira adoração.

Certamente já percebeu onde quero chegar. É claro que estou apenas a arranhar a superfície, mas, juntamente com o Santuário e o Juízo, a morte e o inferno, a Segunda Vinda, o milénio e a Terra renovada, o Adventismo possui as matérias-primas teológicas para construir uma mundividência tão racionalmente convincente e tão atraente emocionalmente que pode muito bem iluminar toda a Terra com a glória de Deus (Apoc. 18:1).

A nossa teologia total é simples e profundamente isto: “Deus é amor.” Depois, partindo desta premissa, podemos formular uma compreensão do mundo e do nosso lugar nele, da natureza do mal e do sofrimento, e dos princípios pelos quais Deus Se lançou na gloriosa iniciativa da salvação da Humanidade.

Deus é amor no mais belo, significativo e libertador sentido que se possa imaginar. Isso é tudo. E é bastante! ✨

Ty Gibson
Evangelista

Retirado da *Adventist Review* de novembro de 2016.

1. Ellen G. White, *Review and Herald*, jan. 14, 1890.



Sombra das coisas vindouras?

O SÁBADO EM COLOSSENSES 2:16 E 17

Colossenses 2:16 e 17 é um dos textos do Novo Testamento que tem sido mais utilizado como “prova” de que a obrigação de observar o Sábado bíblico, imposta pelo quarto mandamento da Lei de Deus, já não vigora para o Cristão. O texto grego pode ser traduzido da seguinte forma:

“Ninguém, pois, vos julgue por causa de comida e bebida ou em questões de festa ou de lua nova ou de sábados, que são sombra das coisas vindouras, mas o corpo é de Cristo.” Entretanto, os defensores da validade do man-

damento do Decálogo sobre o Sábado sustentam que os “sábados” que são referidos em Colossenses 2:16 são os sábados cerimoniais determinados pela lei de Moisés, pelo que o Sábado semanal imposto pelo Decálogo não

está aqui em causa. Qual destas duas posições é correta? No presente artigo iremos interpretar em profundidade Colossenses 2:16 e 17, procurando definir o seu sentido exato e perceber se os defensores da vigência do Sábado têm ou não razão. Começemos por compreender o contexto histórico e literário do referido texto.

O contexto de Colossenses 2:16 e 17

A epístola aos Colossenses foi escrita por Paulo, tendo em vista alertar os Cristãos da igre-

ja de Colossos para o risco espiritual que corriam, devido aos falsos ensinamentos que se estavam a espalhar entre eles. Embora seja difícil determinar com absoluta certeza a origem e os detalhes precisos destes falsos ensinamentos, podemos perceber, por aquilo que Paulo escreveu na sua epístola, que se tratava de uma especulação sincretista que interpretava o Evangelho cristão a partir de uma matriz judaica esotérica, associada a algumas noções incipientes de gnosticismo (que seriam plenamente desenvolvidas apenas no século II). Portanto, Paulo estava a combater uma forma esotérica de Cristianismo judaizante gnóstico, que se apresentava como sendo a verdadeira interpretação do Evangelho.¹ Vejamos com algum detalhe as características deste ensino sincretista que estava a perturbar a fé dos crentes em Colossos.

Primeiro, a heresia colossense tinha alguns aspetos filosóficos. Paulo chama-lhe “filosofia” (Col. 2:8; cf. 2:3 e 4) e cita – retirando-os da boca dos falsos mestres – os conceitos *gnôsis* (“conhecimento” – Col. 2:3), *stoiceia* (“elementos” – Col. 2:20), *apheidia somatos* (“ascese do corpo” – Col. 2:23) e *plerôma* (“plenitude” – Col. 1:19), que eram correntes entre os filósofos helenicos, nomeadamente entre os filósofos herméticos e estoicos. Estes conceitos terão também um grande futuro no gnosticismo do século II. Segundo, a heresia colossense tinha igualmente aspetos rituais judaicos. Paulo alude à promoção que os falsos mestres faziam da circuncisão (Col. 2:11; 3:11), das leis judaicas referentes à comida e à bebi-

da (Col. 2:16) e dos dias de festa judaicos (Col. 2:16). Portanto, havia uma marcada tendência ritualista judaizante por parte dos falsos mestres. Terceiro, a heresia colossense implicava o “culto dos anjos” (Col. 2:18) e o culto dos “elementos do mundo” (Col. 2:8, 20), isto é, dos espíritos que supostamente enchiam o mundo e tinham poder sobre a Humanidade. Estes “anjos” ou “elementos” estariam organizados segundo uma hierarquia (Col. 1:16; 2:10, 15) e seriam mediadores entre Deus e os seres humanos. Esta era uma ideia comum na literatura apócrifa judaica difundida no século I (e.g. *Jubileus* 2:2; *I Enoch* 61:10; 71:7-9; *II Enoch* 20:1). Quarto, a heresia colossense incluía a prática de princípios ascéticos (Col. 2:20-23) e o cultivo da “humildade” (Col. 2:18) como condições para preparar a pessoa para o encontro direto com os poderes angélicos, através de visões (Col. 2:18). Quinto, a heresia colossense tendia a diminuir o poder e a autoridade divinos de Cristo para redimir a Humanidade (Col. 2:8-10, 19; 1:14-20). No entanto, estes falsos mestres apresentavam-se como mestres cristãos, declarando estar apenas a conduzir os crentes para um plano espiritual mais elevado (Col. 1:23, 28; 2:3-10, 16-18, 23; 3:1, 14 e 15).² Portanto, é no âmbito da discussão indireta com os mestres judaizantes que Paulo menciona os “sábados” (Col. 2:16). Assim, este contexto histórico deve ser tido em conta quando se trata de interpretar o sentido de Colossenses 2:16 e 17. Se Paulo estava a combater contra falsos mestres que pro-

curavam introduzir ensinamentos e práticas judaizantes na igreja de Colossos, então é inteiramente possível que os “sábados” mencionados por Paulo estivessem relacionados com alguma instituição ritual judaica. Isto significa que, à partida, os “sábados” referidos em Colossenses 2:16 podem muito bem ser os sábados rituais *anuais* impostos pela lei de Moisés, pois o Sábado *semanal* imposto pela Lei de Deus – o Decálogo – é a expressão de uma lei *moral* que regula o relacionamento do homem com Deus. Nada tem de ritual.

Esta hipótese de interpretação é reforçada quando temos em conta o contexto literário em que se situa a passagem de Colossenses 2:16 e 17. Este contexto literário é determinado pelo versículo 14, que fala do “escrito de dívida”. Se interpretarmos corretamente este versículo, estaremos em condições de melhor determinar o significado dos “sábados” referidos em Colossenses 2:16. Assim, comecemos por traduzi-lo. O texto grego é algo difícil, mas pode ser vertido em português do seguinte modo: “Apagando o escrito de dívida contra nós nas ordenanças, o qual nos era contrário, e o mesmo ele removeu do meio, pregando-o na cruz” (Col. 2:14).

A pergunta que se impõe desde logo é: o que é o “escrito de dívida” que foi pregado na cruz? Existem duas interpretações possíveis. A primeira sustenta que o “escrito de dívida” (*cheirographon*, em grego, que significa, literalmente, “escrito à mão”) é o registo dos pecados ou o certificado da dívida do pecado da Humanidade. Pri-

meiro, porque Colossenses 2:14 está incluído num argumento de Paulo que visa provar a perfeição do perdão divino concedido aos Cristãos (Col. 2:12 e 13). Portanto, o “escrito de dívida” seria o registo das “transgressões” e dos “delitos” (Col. 2:13) que foram perdoados aos crentes. Segundo, porque na literatura apocalíptica o escrito de dívida é o registo dos pecados pessoais ou o certificado da dívida do pecado pessoal daqueles que são julgados no juízo que sucede à morte (cf. *Apocalipse de Sofonias* 3:5-9; 7:1-9; *Testamento de Abraão* 10:7-16; 12:12, 17 e 18). Terceiro, porque Paulo diz que Cristo “removeu do meio” o “escrito de dívida” (Col. 2:14). Ora, o “meio” era a posição que a testemunha de acusação ocupava no centro do tribunal na cultura greco-romana do primeiro século. Logo, o “escrito de dívida” que regista os delitos dos crentes de Colossos surge caracte-

terizado como o libelo da testemunha de acusação que Cristo “apagou” e “removeu do meio” do tribunal. Assim, podemos concluir que o “escrito de dívida” que Cristo “apagou”, “removeu do meio” e “pregou na cruz” era simplesmente o registo dos pecados ou o certificado da dívida do pecado. De facto, o texto de Colossenses 2:14 pode ser traduzido assim: “Apagando o registo escrito [dos nossos pecados] que, por causa das ordenanças, era contra nós.” Neste caso, “as ordenanças” (*tois dogmasin*) eram a base legal do registo de pecados que Cristo pregou na cruz. Mas o que Cristo destruiu não foi o fundamento legal do pecado dos Colossenses (*i. e.*, as “ordenanças”), mas o registo escrito desses pecados. Então, segundo esta interpretação, o “escrito de dívida” que foi pregado na cruz por Cristo nada tem a ver com a lei moral de Deus. Na verdade, o termo “lei” (*nomos*,

em grego) nem sequer é usado, quer em Colossenses 2:14, quer em toda a epístola.³

A segunda interpretação de Colossenses 2:14 sugere que o “escrito de dívida” era a lei cerimonial promulgada por Moisés. Primeiro, porque – se optarmos por traduzir assim o texto grego de Colossenses 2:14 – “o escrito de dívida” é constituído por “ordenanças” (*dogmata*, em grego). Ora, a lei de Moisés era constituída por “ordenanças”, isto é, por preceitos rituais e cerimoniais (*e.g.*, Êxo. 12:43; cf. Heb. 9:10). Estas ordenanças podiam ser consideradas por Paulo como sendo “contra nós” porque, quando os crentes que se colocavam sob a alçada da lei cerimonial falhavam em observar os seus requisitos, esta tornava-se numa testemunha silenciosa contra a sua desobediência. De facto, Deuterónimo 31:26 declara: “Tomai este livro da lei e ponde-o ao lado da



DEVEMOS TER PRESENTE QUE A BÍBLIA NÃO USA O SUBSTANTIVO “SÁBADO” (*SHABBAT*, EM HEBREU, QUE SIGNIFICA “DESCANSO”) APENAS PARA REFERIR O SÉTIMO DIA DA SEMANA, CUJA OBSERVÂNCIA É ESTABELECIDADA PELO QUARTO MANDAMENTO DA LEI DE DEUS (ÊXO. 20:8-11).

arca da Aliança do Senhor, vosso Deus, para que ali esteja por testemunha contra ti.” Segundo, porque Colossenses 2:14 deve ser lido a par de Efésios 2:15. De facto, o paralelismo temático das duas epístolas de Paulo e a semelhança da linguagem utilizada nestes dois versículos sugere que o “escrito de dívida nas ordenanças” (Col. 2:14) designa a mesma realidade que é designada pela “lei dos mandamentos na forma de ordenanças” (Efé. 2:15) que foi abolida por Cristo. Ora, o contexto de Efésios 2:15 mostra que esta passagem está a referir-se claramente à lei cerimonial de Moisés, que chegou ao fim quando Cristo cumpriu, na Sua vida e na Sua morte, aquilo que ela tipificava. Logo, Colossenses 2:14 também estaria a referir-se à lei cerimonial de Moisés. Terceiro, fica também claro que o “escrito de dívida” constituído por “ordenanças” não pode ser a lei moral, pois, no contexto de Colossenses 2:14, nada consta que indique – ainda que implicitamente – que o apóstolo estava

a referir-se ao Decálogo. Note-se que em Colossenses 2:14 não há sequer alusão a qualquer preceito da lei moral. Portanto, de acordo com esta segunda interpretação, o “escrito de dívida” que foi pregado na cruz por Cristo não está relacionado com a lei moral de Deus. Não foi intenção de Paulo referir-se ao Decálogo em Colossenses 2:14.⁴

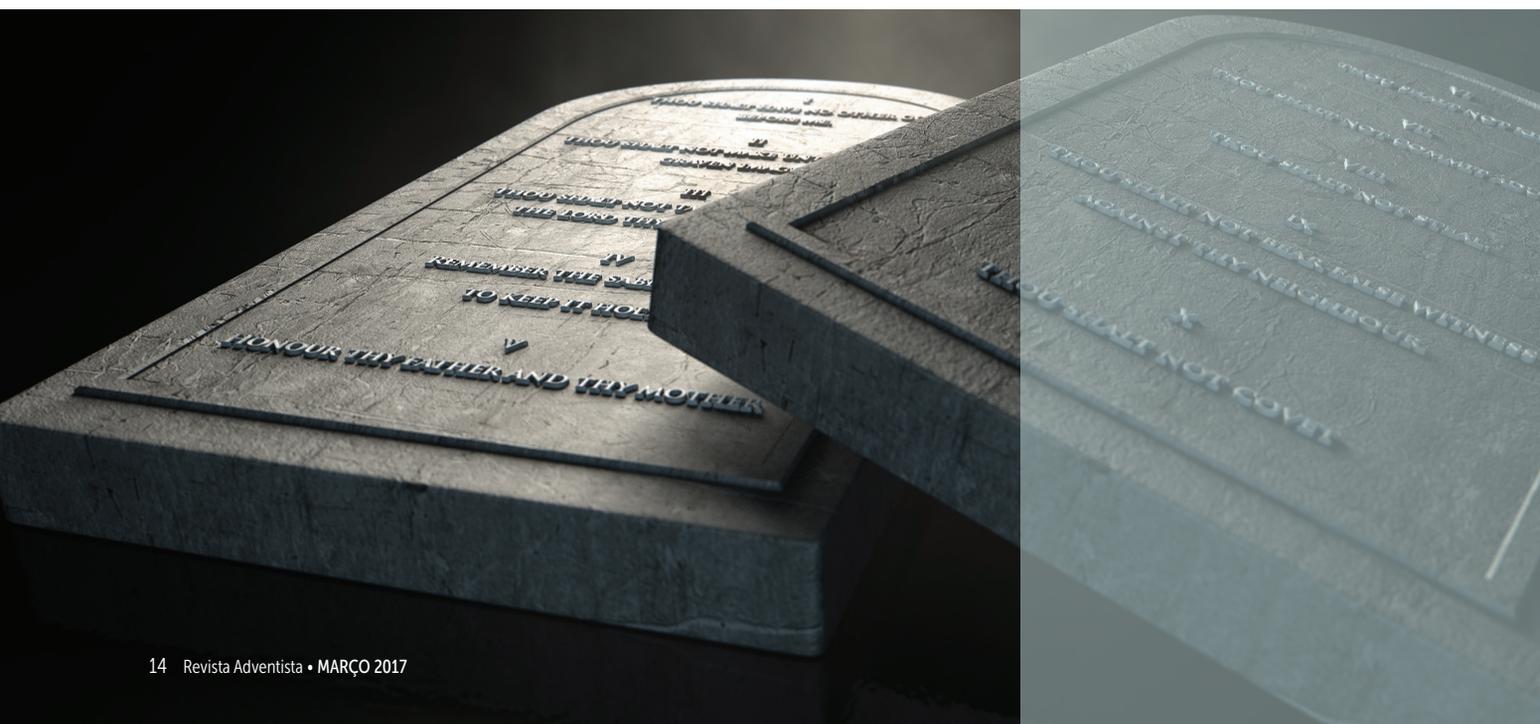
Dado que as duas interpretações mais prováveis de Colossenses 2:14 excluem qualquer referência ao Decálogo, podemos concluir, *a priori*, que é muito *improvável* que os “sábados” mencionados em Colossenses 2:16 sejam os Sábados semanais referidos no quarto mandamento da Lei de Deus. Pelo contrário, é muito *provável* que esses “sábados” sejam os sábados rituais anuais prescritos pela lei de Moisés.

Sábado e sábados

De facto, devemos ter presente que a Bíblia não usa o nome “sábado” (*shabbat*, em hebreu, que significa “descan-

so”) apenas para referir o sétimo dia da semana, cuja observância é estabelecida pelo quarto mandamento da Lei de Deus (Êxo. 20:8-11). O termo “sábado” (*shabbat*) também é usado para referir sete dias de descanso e de festa, que eram observados pelos Israelitas durante o ano. Estes sábados eram sábados anuais, distintos do Sábado semanal instituído por Deus na semana da Criação.

Por exemplo, a festa do Dia da Expição, que era celebrada uma vez por ano, no dia dez do sétimo mês do calendário israelita, culminava num sábado anual. De facto, o dia dez do sétimo mês era designado como “sábado” (*shabbat*), embora muito raramente caísse no sétimo dia da semana. Vejamos os textos que o confirmam. Servimo-nos da tradução em português dos *Capuchinhos*, editada pela *Difusora Bíblica*, porque ela segue mais de perto o texto hebraico. “E isto será para vós uma lei perpétua: no décimo dia do sétimo mês, mortificar-



-vos-eis e não fareis trabalho algum, tanto o que é natural da terra, como o estrangeiro que residir entre vós. Porque, nesse dia, far-se-á expiação por vós para serdes purificados; ficareis libertados de todos os vossos pecados diante do Senhor. É para vós um sábado, um sábado solene, durante o qual vos mortificareis: é uma lei perpétua” (Lev. 16:29-31; cf. Lev. 23:26 e 27, 32). Este texto sobre a festa israelita do Dia da Expição mostra que está a ser claramente aplicado o nome “sábado” a um dia de festa *anual*, que ocorria todos os anos no décimo dia do sétimo mês. Portanto, este era um “sábado” distinto do sétimo dia da semana, em que ocorria o dia de repouso semanal imposto pelo Decálogo, porque, ao longo dos anos, este “sábado” anual caía necessariamente em dias diferentes da semana. Este dia de festa era também chamado “sábado”, porque, como já dissemos, *shabbat* significa “repouso”, em hebreu, e nesse dia especial do ano os Israelitas deveriam repousar, abstendo-se de trabalhar. Vejamos agora outro sábado anual, neste caso aquele referente à festa dos Tabernáculos. O texto hebraico pode ser traduzido do seguinte modo: “Disse mais Yahweh a Moisés: Fala aos filhos de Israel, dizendo: Aos quinze dias deste sétimo mês será a festa dos Tabernáculos para Yahweh, por sete dias. [...] Mas aos quinze dias do mês sétimo, quando tiverdes recolhido os produtos da terra, festejareis a festa de Yahweh, por sete dias; ao primeiro dia haverá um sábado e ao oitavo dia haverá um sábado” (Lev. 23:33 e 34,

39). Mais uma vez estamos na presença de dias de festa anuais que eram designados “sábados”. Estes dias caíam necessariamente em dias diferentes da semana ao longo dos anos. Assim, a partir destes dois casos – poderíamos juntar outros exemplos de sábados anuais, como o da Páscoa ou o do Pentecostes – é possível concluir que havia, na lei de Moisés, sete dias que eram chamados “sábados” e que ocorriam uma vez por ano, quando se sucedia festejar as sete festas nacionais de Israel. Estes “sábados” raramente caíam no sétimo dia da semana. Logo, nada tinham a ver com o Sábado semanal prescrito no Decálogo. De facto, estes sábados cerimoniais eram estabelecidos pela lei de Moisés e não se podiam confundir com o Sábado estabelecido pela Lei de Deus, isto é, pelos Dez Mandamentos. Note-se que os sábados anuais em que culminavam as sete festas israelitas foram instituídos no Sinai, após a promulgação do Decálogo (Lev. 23:1-44), enquanto o Sábado semanal foi instituído na semana da Criação (Gén. 2:23) e incorporado no Decálogo (Êxo. 20:8-11). O Sábado semanal já existia quando foram instituídos os sábados cerimoniais anuais. O próprio Deus diferenciou-os, ao declarar (na versão da *Difusora Bíblica*): “São estas as solenidades do Senhor que vós celebrareis como convocações santas, [...] independentemente dos sábados do Senhor” (Lev. 23:37 e 38). Portanto, não pode haver confusão entre os dois tipos de sábados.⁵ Ora, este facto é decisivo para a correta interpretação de Colossenses 2:16 e 17. Veja-

mos se a exegese destes versículos de Colossenses 2 sustenta a hipótese de que os sábados mencionados nessa passagem são sábados cerimoniais anuais.

Primeiro, temos de pesquisar os textos do Antigo Testamento que estabelecem um antecedente para a expressão “festa, lua nova, sábados”, que surge no texto de Colossenses que estamos a interpretar. Foi sugerido que existem tais antecedentes em seis textos do Antigo Testamento (I Cró. 23:29-31; II Cró. 2:4; 8:12 e 13; 31:3; Nee. 10:33; Eze. 45:13-17).⁶ Nestes textos, a palavra hebraica *shabbat* não só está presente, como também se refere ao Sábado semanal do Decálogo. No entanto, uma leitura atenta destas passagens mostra que Paulo não estava a citar estes textos. De facto, todos eles têm seis partes (não três, como em Colossenses 2:16); todos eles indicam que o foco está posto sobre os sacrifícios que se realizavam nessas datas, e não sobre os próprios dias festivos (o que contraria a ênfase posta sobre os dias em Colossenses 2:16); e todos eles incluem uma oferta sacrificial diária (o que não está presente em Colossenses 2:16). Na verdade, uma pesquisa atenta do Antigo Testamento revela que o verdadeiro antecedente de Colossenses 2:16 é a passagem de Oseias 2:13 (no texto hebraico massorético e no texto grego da *Septuaginta*). Esta passagem pode ser traduzida a partir do hebraico, do seguinte modo: “E farei cessar toda a sua alegria, a sua festa, a sua lua nova, e o seu sábado e todas as suas solenidades.” É evidente a semelhança

entre as frases de Oseias 2:13 e de Colossenses 2:16. Ambas apresentam um agrupamento tripartido de solenidades do calendário hebraico; ambas apresentam as três solenidades na mesma sequência; ambas se referem aos dias das solenidades, e não aos sacrifícios que nelas se realizavam; e ambas não apresentam os fatores semânticos necessários para identificar o “sábado” referido com o Sábado semanal imposto pelo Decálogo. Podemos ainda constatar que o termo “festa”, usado em Oseias 2:13, é o termo hebreu *hag*. Este termo é aplicado especificamente, no contexto da lei cerimonial, às três festas que incluíam uma peregrinação ao templo de Jerusalém (Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos). O termo “lua nova”, usado em Oseias 2:13, é o termo hebreu *hodesh*. Este termo designava o primeiro dia de cada mês do calendário luni-solar hebraico. Finalmente, a frase “o seu sábado” traduz o termo composto *shabbattah*, usado em Oseias 2:13. A conotação negativa da construção lexical *shabbattah* e o contexto onde ela é usada indicam que o sábado em questão é um sábado cerimonial anual, e não o Sábado semanal, pois este nunca é referido desta forma pejorativa no Antigo Testamento. Ora, a pesquisa semântica dos três termos gregos usados em Colossenses 2:16 – que segue a versão da *Septuaginta* de Oseias 2:13 – revela que “festa” (*heorte*, em grego) se aplica apenas às três festas anuais que impunham a peregrinação ao templo de Jerusalém; “lua nova” (*neomenia*, em grego) designa o feria-

do do início de cada mês lunar; e “sábados” (*sabbata*, em grego) designa as duas festas anuais das Trombetas e da Expição, em que havia um dia de repouso (*shabbat*), mas não havia a obrigação da peregrinação ao templo. Portanto, Paulo não se estava a repetir quando cita, em Colossenses 2:16, tanto a “festa” (*heorte*) como os “sábados” (*sabbata*). Ele estava a referir-se a dois tipos diferentes de festas rituais israelitas. Estava também a usar um esquema de raciocínio tipicamente semita, designado “paralelismo invertido”. O que significa isto? Significa que ele começa por citar a “festa” (que remete para as três festas anuais de peregrinação), depois cita a “lua nova” (que remete para uma celebração mensal do novo mês) e, finalmente, cita os “sábados” (que remetem para as duas festas anuais em que apenas havia “descanso” [*shabbat*], sem peregrinação). Obtemos, assim, a estrutura: anual/mensal/anual. Deste modo, apoiados na relação intertextual de Colossenses 2:16 com Oseias 2:13 e na investigação semântica dos termos hebraicos e gregos usados nestas duas passagens, podemos concluir que os “sábados” mencionados em Colossenses 2:16 são claramente os dias de descanso das festas das Trombetas e da Expição, isto é, são sábados cerimoniais anuais. Logo, nada têm a ver com o Sábado semanal imposto pelo Decálogo.⁷

Os “sábados” como “sombas”

Podemos agora compreender a razão por que, em Colossenses 2:16 e 17, Paulo coloca os “sábados” entre a “sombra

das coisas vindouras”, contrastando-os com “o corpo” que “é de Cristo”. A palavra “sombra” (*skia*, em grego) está diretamente ligada às palavras “coisas vindouras”. Portanto, ela significa uma realidade simbólica que apenas prefigurava uma outra realidade que viria depois dela. Neste caso, as festas, as luas novas e os sábados prefiguravam tipologicamente a realidade do ministério messiânico de Cristo. De facto, o texto de Hebreus 10:1 esclarece que a “sombra” dos “bens vindouros” era a “lei” cerimonial promulgada por Moisés que regulava o sistema sacrificial, incluindo as festas, as luas novas e os sábados anuais. Portanto, estes eram tipos de Cristo. Cristo tornou-Se na realidade (no “corpo”) que os ritos prefiguravam. Isto significa que, dado que os “sábados” referidos por Colossenses 2:16 – juntamente com as festas e as luas novas – são tipos de Cristo, eles são necessariamente os sábados anuais cerimoniais. Não podem ser identificados com o Sábado semanal do Decálogo, pois este não é um *tipo ritual*. Ele é um *mandamento moral*, sendo perpétua e universalmente obrigatório. Não pode ser considerado como mera “sombra das coisas vindouras”. Até porque o Sábado semanal é um *memorial* de um facto *passado*, a criação da Terra, pelo que não faz sentido dizer que ele era um *tipo* de algo *futuro*. Além disso, o Sábado semanal, instituído por Deus antes de o pecado entrar no mundo, nada tinha a ver com o sistema ritual que se destinava a lidar com o problema do pecado e a prefigurar o ministério de

VÁRIOS COMENTADORES EVANGÉLICOS E PROTESTANTES RECONHECERAM, AO LONGO DOS ANOS, QUE OS “SÁBADOS” MENCIONADOS EM COLOSSENSES 2:16 NÃO PODEM SER IDENTIFICADOS COM O SÁBADO SEMANAL DO DECÁLOGO.

Cristo, que viria resolver definitivamente esse problema.⁸

Vários comentadores Evangélicos e Protestantes reconheceram, ao longo dos anos, que os “sábados” mencionados em Colossenses 2:16 não podem ser identificados com o Sábado semanal do Decálogo. Eis apenas dois exemplos. William Plumer, destacado teólogo Presbiteriano, escreveu a propósito de Colossenses 2:16: “O contexto mostra claramente que ele [i. e., Paulo] não está a falar do Sábado semanal, nem de qualquer instituição do Decálogo, mas está a falar de assuntos que estão para além da lei moral.”⁹ Jamieson, Fausset e Brown, ilustres comentadores Evangélicos, afirmam o seguinte: “Sábados (não ‘os sábados’) do Dia da Expição e da festa dos Tabernáculos que chegaram ao fim com os serviços litúrgicos judeus a que pertenciam (Levítico 23, 32, 37, 38 e 39). O Sábado semanal assenta num fundamento mais permanente, tendo sido instituído no Paraíso para comemorar a conclusão da Criação em seis dias.”¹⁰

Conclusão

Portanto, com base em evidências gramaticais, intertextuais

e contextuais, podemos concluir que os “sábados” a que Paulo se refere em Colossenses 2:16 são os sábados anuais cerimoniais do sistema ritual israelita. Nada têm a ver com o Sábado semanal do Decálogo. Dado que Cristo veio realizar aquilo que era tipicamente simbolizado pela lei cerimonial, esta foi abolida aquando da morte e da ressurreição de Cristo, já não estando em vigor para o Cristão. Logo, os sábados anuais que dela faziam parte foram abolidos com ela. No entanto, nada no argumento de Paulo, em Colossenses 2:16, diminui as exigências do quarto mandamento do Decálogo, que impõe a observância do Sábado semanal. Portanto, este deve ser observado pelo Cristão ainda hoje. ✨

Paulo Lima

Editor da *Revista Adventista*

1. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 1980, vol. 7, p. 184. G. G. Findlay, *Colossians* (The Pulpit Commentary, vol. 47), London/New York: Funk & Wagnalls, [s.d.], p. viii. Alfred Kuen, *Introduction au Nouveau Testament – Les Lettres de Paul*, Saint-Léger: Éditions Emmaüs, 1989, pp. 282 e 283. Samuele Bacchiocchi, *The Sabbath in the New Testament – Answers to Questions*, Berrien Springs, MI: Biblical Perspectives, 1995, p. 109. Werner Georg Kümmel, *Introdução ao Novo Testamento*, 2ª ed., São Paulo: Paulus, 1982, pp. 443 e 444, defende que a heresia que Paulo enfrentava envolvia uma especulação que unia sincreticamente Cristianismo e Judaísmo

esotérico, mas não incluía aspetos marcadamente gnósticos. A. S. Peake, *The Epistle to the Colossians* (The Expositor's Greek Testament, vol. III), Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1951, pp. 484-486, também sustenta que a heresia colossense era apenas a expressão da doutrina cristã associada a elementos doutrinários de um Judaísmo esotérico, não incluindo qualquer aspeto marcadamente gnóstico. No entanto, considerando as evidências presentes na epístola aos Colossenses, julgamos que, embora sob forma incipiente, a heresia colossense incluía efetivamente alguns elementos gnósticos.

2. Werner Georg Kümmel, *Introdução ao Novo Testamento*, p. 442. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, p. 184. G. G. Findlay, *Colossians*, p. v. Alfred Kuen, *Introduction au Nouveau Testament – Les Lettres de Paul*, pp. 279 e 280. A. S. Peake, *The Epistle to the Colossians*, pp. 484 e 485.

3. Samuele Bacchiocchi, *The Sabbath in the New Testament – Answers to Questions*, pp. 110 e 111.

4. Ron du Preez, “Is the Seventh-day Sabbath a ‘Shadow of Things to Come?’”, in Gerhard Pfandl (ed.), *Interpreting Scripture – Biblical Questions and Answers*, Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2010, pp. 391 e 392. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, p. 204. Francis D. Nichol, *Respostas a objeções*, Tatui, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004, pp. 78 e 79. Arnaldo B. Christianini, *Subtilezas do Erro*, Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1965, pp. 107 e 108.

5. Arnaldo B. Christianini, *Subtilezas do Erro*, pp. 109-111.

6. Paul Giem, “Sabbatôn in Col. 2:16”, *Andrews University Seminary Studies*, XIX(3), 1981, pp. 195-210.

7. Ron du Preez, “Is the Seventh-day Sabbath a ‘Shadow of Things to Come?’”, pp. 393 e 394. Alberto R. Timm, *O Sábado na Bíblia*, Tatui, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010, p. 71.

8. Ron du Preez, “Is the Seventh-day Sabbath a ‘Shadow of Things to Come?’”, pp. 395 e 396. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, pp. 206 e 206. Earle Hilgert, “‘Sabbath Days’ in Colossians 2:16”, *Ministry*, XXV, February 1952, p. 43. Paul Giem, “Sabbatôn in Col. 2:16”, pp. 207-209.

9. William S. Plumer, *The Law of God as Contained in the Ten Commandments, Explained and Enforced*, Philadelphia, PA: Presbyterian Board of Education, 1864, p. 307.

10. Robert Jamieson, A. R. Fausset & David Brown, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*, Grand Rapids, MI: Zondervan, [s.d.], p. 378.

DOIS MILHÕES DE FOLHETOS GLOW DISTRIBUÍDOS NA ROMÊNIA E NA UCRÂNIA

ANN/RA

Tara Vang, uma voluntária Adventista do Sétimo Dia, originária da Califórnia, não sabia bem o que fazer depois de ter entrado numa igreja Ortodoxa em Bucareste, a capital da Romênia. Sendo uma das várias dezenas de voluntárias e voluntários que estão a distribuir dois milhões de folhetos missionários GLOW na Romênia e na Ucrânia, como preparação para as próximas campanhas evangelísticas que aí se realizarão, Tara queria partilhar os seus folhetos coloridos, mas teve dificuldade em mover-se entre os adoradores. “Assim, fiz o que pude. Depois saí e comecei a distribuir folhetos na área ao redor da igreja”, disse Tara. Foi então que ela reparou num sacerdote que estava de pé junto de uma porta lateral da igreja. “Tive algum receio, mas senti que o Senhor me estava a dizer para lhe dar um folheto”, disse

Tara. Assim, ela ofereceu ao sacerdote ortodoxo dois folhetos, um de cada tipo que tinha com ela. O homem abriu os folhetos e leu-os rapidamente. Tendo gostado do que lera, pediu imediatamente mais alguns. Tara deu-lhe mais dois exemplares. “Não”, disse o sacerdote, “quero mais 10 de cada”. Tara, que mal podia acreditar, deu-lhe uma pilha de folhetos. Nesse momento, outros sacerdotes abriram a porta e disseram ao sacerdote com os folhetos que era a sua vez de falar. “Ele levou cerca de 24 folhetos GLOW com ele”, disse Tara. “Foi uma oportunidade perfeita!”

Esta história é uma de muitas que poderiam contar os voluntários que estão a distribuir dois milhões de folhetos GLOW na Romênia e na Ucrânia. O verso de cada folheto tem um convite para as reuniões evangelísticas e a indicação de um *site* que permite descobrir os vários locais onde decorrerão as reuniões nos dois países.



Cerca de um milhão de folhetos está a ser distribuído na Romênia, onde decorrerão reuniões evangelísticas em 2018 locais espalhados pelo país, a partir de 10 de fevereiro. Outro milhão de folhetos GLOW está a ser distribuído na Ucrânia, onde decorrerão reuniões evangelísticas em cerca de 1000 locais nos próximos três meses. As primeiras reuniões começaram a 3 de fevereiro.

Os folhetos GLOW serão também distribuídos noutros países da antiga URSS, incluindo na Moldávia e, talvez em 2018, na Rússia. Entretanto, a página do *Facebook* do ministério GLOW

está cheia de fotos e vídeos de voluntários a distribuir folhetos em Centros Comerciais ou a deixá-los nos para-brisas dos carros estacionados. Em Bucareste, os folhetos estão a ser distribuídos por cerca de 25 voluntários oriundos da Romênia, da Hungria, da Bulgária e dos EUA. O objetivo é distribuir 400 000 folhetos na cidade capital da Romênia. Os outros 600 000 folhetos serão distribuídos no resto do país. Todos estes folhetos serão distribuídos em poucas semanas. A impressão do milhão de folhetos distribuídos na Romênia custou apenas 6000 dólares. ✨

NOVO PRESIDENTE DA RÁDIO MUNDIAL ADVENTISTA

ANN/RA

O Conselho de Diretores da Rádio Mundial Adventista (AWR) elegeu Duane McKey como novo Presidente da Rádio, em substituição de Dowell Chow, que serviu como Presidente durante os últimos seis anos. McKey foi até agora Diretor da Escola Sabatina e do Ministério Pessoal da Conferência Geral, bem como assistente de Ted

Wilson, Presidente da Denominação, na implementação do projeto “Envolvimento Total dos Membros”, que foi lançado em 2015.

Chow reforma-se depois de 50 anos ao serviço da Igreja Adventista do Sétimo Dia em várias funções e em vários países. Ele passou a trabalhar na AWR em 2005, como Vice-Presidente para as finanças, antes de assumir o papel de Presidente da Rádio.

Durante a sua presidência da AWR, Chow foi um via-

jante incansável. Ele atravessou montanhas no México para levar recetores de rádio a aldeões de tribos isoladas, batizou novos Adventistas numa cova com água enlameada na República Democrática do Congo, verificou os sinais FM nas Ilhas Canárias e ajudou a formar novos produtores de rádio no Butão. Sob a sua liderança, as emissões da AWR – via ondas curtas, AM/FM e *podcast* – passaram a contar com mais 12 línguas. Todos

os dias são descarregados 18 milhões de *podcast*. Chow liderou as negociações para a aquisição das primeiras estações FM na Índia (que agora servem milhões de ouvintes nas 22 principais cidades do país). Planeou ainda a instalação de quatro estúdios de produção na China continental. “Servir a Igreja através da AWR foi um privilégio. É emocionante ver a comissão evangélica ser realizada no mundo pelo ministério da AWR”, disse Chow. ✨



LÍDERES ADVENTISTAS APELAM À FORMAÇÃO DA PRÓXIMA GERAÇÃO DE LÍDERES

ANN/RA

Cerca de 40 líderes da Igreja, incluindo Presidentes das Divisões, Presidentes de Universidades e os principais oficiais da Conferência Geral, conversaram acerca do papel dos jovens Adventistas na Igreja durante a 10ª Cimeira Global de Liderança, realizada em Kiev, a capital da Ucrânia. O evento anual encoraja as Divisões mundiais da Igreja a darem aos seus membros oportunidades de formação em liderança. Vários delegados afirmaram, durante uma mesa redonda, que a Igreja não manterá a sua identidade, nem cumprirá a sua missão, se não der mais passos para formar líderes jovens. “É vital comunicar os princípios da liderança espiritual àqueles que estão a aceder aos postos de

liderança. De facto, devemos ser proativos para ajudar os líderes mais jovens a crescerem em capacidade de liderança. Eles precisam de sentir uma enorme responsabilidade pela visão de identidade do movimento do Advento”, disse Ted Wilson, Presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Guillermo Biaggi, Vice-Presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia e responsável pela direção da Cimeira, disse que aquelas partes do mundo onde os jovens testemunham ativamente têm tendência para ter maior crescimento em número de membros, enquanto a Igreja está a envelhecer nos locais onde se defronta com os desafios do secularismo e do materialismo. “Portanto, precisamos de encontrar modos de comunicar com a geração mais jovem, de modo a amá-la, inspirá-la e inclui-

-la nos programas da nossa Igreja, e também convidá-la a participar na liderança da Igreja. Os jovens podem fornecer a energia que é necessária para estes tempos desafiantes da história da Terra”, disse Biaggi.

Representantes de várias Divisões mundiais da Igreja partilharam as suas iniciativas locais de treino de líderes jovens. Em 2016, a Divisão Centro-Este Africana organizou a sua primeira Cimeira de Liderança e planeia passar a organizar uma Cimeira a cada dois anos. Conferências de liderança mais pequenas estão também planeadas para serem realizadas ao nível das Uniãoes. Mário Brito, Presidente da Divisão Inter-Europeia, anunciou a realização, na sua Divisão, em 2017, de 51 reuniões de formação de líderes e de promoção do desenvolvimento da Igreja. Os líderes da Di-

visão Norte-Americana comunicaram o seu desejo de promover a integração de mais líderes jovens no seio dos seus órgãos de decisão.

O Presidente Ted Wilson enfatizou a necessidade de os líderes da Igreja promoverem distintamente a formação de jovens, para que estes venham a ocupar postos de liderança. Segundo Wilson, os líderes jovens devem ser envolvidos no serviço e na missão da Igreja, de modo a que eles possam também promover a mensagem profética singular que a nossa Igreja tem para partilhar com o mundo. “O mais importante aspeto é exaltar Cristo, a Sua Palavra, a Sua justiça, o Seu serviço no santuário, o Seu poder salvador no seio do Grande Conflito, as Suas três mensagens angélicas, a Sua mensagem de saúde, a Sua derradeira missão em favor do mundo e a Sua Segunda Vinda”, disse Wilson. ✍

ENORME ESFORÇO EVANGELÍSTICO NA EUROPA DE LESTE

ANN/RA

No dia 3 de fevereiro foi iniciada uma mega campanha missionária na Ucrânia, onde se realizaram 500 seminários evangelísticos. Muitas outras centenas de seminários evangelísticos também foram realizados no território da antiga União Soviética. Este grande movimento missionário faz parte do projeto “Envolvimento Total dos Membros”, uma iniciativa da Conferência Geral, que encoraja cada Adventista a partilhar o Evangelho na sua comunidade. Mais de

2000 reuniões começaram uma semana mais tarde na Roménia e noutros países de Leste. No total, houve cerca de 4300 locais espalhados pela Arménia, Bielorrússia, Bulgária, Geórgia, Moldávia, Roménia, Rússia e Ucrânia que participaram na mega campanha evangelística. Quando a campanha arrancou, Ted Wilson, Presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia, expressou a sua esperança de que este fosse o início de um reavivamento espiritual na Europa. As reuniões evangelísticas seguiram o exemplo das campanhas evangelísticas realizadas no Ruanda em

2016, que resultaram em 110 476 batismos. Segundo Michael Kaminsky, presidente da Divisão Euro-Asiática, que cobre o território da antiga URSS, “o principal objetivo das reuniões evangelísticas não foi um elevado número de batismos, mas ajudar a Igreja a fazer novos amigos e novos contactos”. Para alcançar esse objetivo, a Divisão Euro-Asiática realizou reuniões em 2150 locais durante fevereiro.

Em fevereiro realizaram-se também 2018 reuniões na Roménia. Entre aqueles que pregaram na Roménia estiveram o Pastor Ted Wilson e a sua esposa. Vieram

também evangelistas leigos de países como o México, a Argentina e os Estados Unidos. Ted Wilson declarou ter esperança de que o espírito do programa “Envolvimento Total dos Membros”, exibido na Europa de Leste, se espalhe também pela Europa Ocidental. “Agradecemos a Deus as muitas maravilhas que estão a acontecer na Europa Ocidental. Mas o Senhor quer ver um reavivamento na Europa e em todo o mundo. Talvez estas reuniões evangelísticas na Europa de Leste possam ajudar a criar um movimento em que os leigos se envolvam totalmente na missão”, disse ele. ✍



ADRA-PORTIMÃO EM AÇÃO

Ana Fernandes

Diretora da ADRA-Portimão

A delegação da ADRA-Portimão pertence ao Conselho Local de Assistência Social (CLAS) e, em parceria com a Câmara Municipal e o Banco Alimentar, tem desenvolvido um meritório trabalho social no atendimento às famílias carenciadas da cidade. Distribui, mensalmente, cabazes com alimentos para 38 famílias registadas. Aproveitando o potencial dos voluntários (na sua maioria os próprios beneficiários), realizou-se no dia 17 de dezembro de 2016 uma festa de Natal, cujo programa especial contemplou as vertentes espiritual e social.

Foi possível oferecer a cada agregado familiar um cabaz alimentar de reforço, uma Bíblia, um livro *História da Redenção*, e, no final, todos puderam confraternizar durante um lanche-convívio.

Entre os dias 28 de dezembro de 2016 e 6 de janeiro deste ano, a Empresa Municipal de Águas e Resíduos de Portimão (EMARP) cedeu o espaço para uma exposição sobre as atividades da ADRA local, nacional e mundial. A exposição foi realizada na sala principal, onde as pessoas efetuam os pagamentos da água. O evento foi noticiado em vários jornais locais e *online*, pelo que muitas pessoas puderam tomar conhecimento das atividades da ADRA. Mais de mil pessoas tiveram contacto com



a exposição e, futuramente, poderão vir a contribuir com doações financeiras.

No sábado, 14 de janeiro, a fisioterapeuta Lilian Dienel realizou um Seminário com o tema “Qual É o Meu Valor”, com ênfase nos aspetos físico, emocional e espiritual. O público-alvo, mais uma vez, foi constituído pelos beneficiários da ADRA local.

O nosso bem-haja a todos os voluntários, que não medem esforços para diminuir o sofrimento do próximo e trabalham para o cumprimento da missão que Jesus nos deixou: “Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mateus 25:40). ✨

DESCANSOU NO SENHOR

Samuel Ribeiro

IASD de Lisboa-Central



O Pastor **Juvenal Gomes** cessou a sua vida neste mundo a 17 de dezembro de

2016, dia em que completou 89 anos. Quando um crente em Cristo Jesus deixa este mundo, sendo sempre um dia de tristeza, é natural também haver um momento em que relembramos a nossa esperança da ressurreição e a promessa da vida eterna. Mas, quando esse crente foi também um dedicado obreiro da Causa do Mestre, não podemos deixar de recordar o muito em que, pela ajuda divina, ele se destacou no Seu serviço. Natural do Funchal, Madeira, muito cedo na sua juventu-

de o Pastor Juvenal Gomes aceitou a mensagem Adventista, que lhe foi transmitida pelo testemunho do seu pai, consagrado membro da congregação local. Motivado pelo Pastor Hermanson, que então dirigia a Missão da Madeira, decidiu votar a sua vida ao ministério evangélico, tendo frequentado o Seminário de Portalegre e, mais tarde, as Faculdades de Teologia de Collonges e Newbold. O ministério deste servo de Deus, que desde jovem se tinha mostrado dotado para as contas, foi um ministério multifacetado, que deixou sempre uma marca de rigor e de entrega no testemunho dos que o acompanharam. Era um homem que amava a Bíblia, um conhecedor profundo do Antigo Testamento, que usava muitas vezes nas suas inspiradas pregações, ainda

relembradas pelos membros mais velhos das congregações por onde foi passando. Mas talvez a grande marca do seu ministério tenha sido a circunstância, bem singular, de ter tido a responsabilidade de trabalhar como Secretário-Tesoureiro de três Uniões: Portugal, Angola e Sul Europeia (que englobava então os países da Europa do sul e Israel). Fê-lo exatamente por sete anos em cada uma das três, sendo ainda lembrada a forma rigorosa e empenhada como o fez. Isto para além do seu ministério pastoral (na companhia da sua sempre dedicada esposa), que exerceu em várias igrejas de Portugal, Angola e São Tomé e Príncipe e que o espaço de que dispomos não nos deixa citar. Na vida de cada crente, seja leigo ou obreiro, como bem nos lembra o Apóstolo Paulo, é sem-

pre possível haver algum momento de abaixamento espiritual que nos faz então sentir melhor a nossa extrema necessidade da redentora graça de Cristo. E é aí que quero relembrar o poderoso testemunho de arrependimento, de aceitação do perdão divino e de renovação espiritual que o Pastor Juvenal nos deixou. E se o seu ministério no ativo nos deu um exemplo do que Deus pode fazer pelo ser humano, quando este se entrega a Ele e à Sua Causa, os últimos anos da vida deste servo de Deus, já como obreiro reformado, ao retomar o facho da sua dedicação ao Senhor, pregando o Evangelho em variadas congregações, ficou como um exemplo poderoso, para quem o conheceu desde a infância, dos milagres da graça que Deus pode fazer na vida de cada um de nós. ✨

Morte antes da Queda?

Michael Dowd, autor do livro *Thank God for Evolution: How the Marriage of Science and Religion Will Transform Your Life and Our World* (Graças a Deus pela Evolução: Como o Casamento da Ciência e da Religião Irá Transformar a Sua Vida e o Nosso Mundo), descreve-se como sendo um “exuberante evangelista evolucionista nascido de novo”, a quem a união da teoria evolucionista com o Cristianismo ensinou a celebrar “14 bilhões de anos de graça e criatividade divinas”. Aquilo que o entusiasmo especialmente, escreve ele, é que “a morte, frequentemente, é uma bênção cósmica”. Ele continua: “Talvez não haja uma porta de entrada mais atraente para se descobrir os benefícios da espiritualidade evolucionista do que a morte compreendida de um modo novo e inspirador. Graças às ciências... podemos agora não apenas aceitar a morte, mas também celebrar o facto de que a morte é natural e geradora de novas produções em todos os níveis da realidade. A morte não é menos sagrada do que a vida.” Afinal, se a morte fosse parte do modo como Deus criou a vida na Terra, e se Deus declarou essa criação “muito boa” (Gén. 1:31), então a morte deve ser algo positivo.

Mas as Escrituras retratam invariavelmente a morte como algo mau, algo que deve ser derrotado. “Ora o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte” (I Cor.

15:26). “Ele aniquilará a morte para sempre” (Isa. 25:8). “Onde está, ó morte, o teu aguilhão?” “E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo” (Heb. 2:14). “E Deus limpará dos seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas” (Apoc. 21:4).

Segundo as Escrituras, a morte existe apenas por causa do pecado, o que torna a sua existência *antes* do pecado uma impossibilidade – “Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte” (Romanos 5:12). “Porque se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse” (v. 17). A primeira vez que a morte é mencionada nas Escrituras é no contexto do pecado: Adão foi avisado de que, se ele comesse da árvore, certamente morreria (Gén. 2:17). Precisamente porque comeu do fruto da árvore, ele voltaria ao pó da terra (Gén. 3:17-19).

Assim, as Escrituras ligam sistematicamente a morte ao pecado. “Pois o salário do pecado é a morte” (Rom. 6:23). “Porque a inclinação da carne é morte” (Rom. 8:6). “Depois, havendo a concupiscência concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte” (Tia. 1:15). Dados estes textos, e outros, como pode alguém ar-

gumentar que a existência da morte antes da Queda está de acordo com as Escrituras? Alguns defendem que apenas a morte de animais, não a morte de seres humanos, existia antes da Queda. Mas isto dificilmente resolve o problema.

Primeiro, se até seres humanos pecadores podem mostrar compaixão pelo sofrimento e pela morte de animais, iremos nós atribuir a um Deus infinitamente compassivo bilhões de anos de degradação, violência, sofrimento e morte entre os animais (incluindo mamíferos avançados e primatas) como parte do processo criativo a que Ele chamou “muito bom”?

Segundo, onde e como ocorreu a transição abrupta entre os dois hominídeos (macho e fêmea) muito avançados, embora sujeitos à morte, e os dois primeiros *Homo Sapiens* (Adão e Eva) por eles gerados “à imagem de Deus” (Gén. 1:27)? É credível que estes dois seres humanos, imortais e sem pecado, cresceram até se tornarem adultos morais e vieram a fazer a escolha errada que os levou a enfrentarem o sofrimento e a morte que atormentavam todas as restantes formas de vida na Terra há bilhões de anos, pois este era o método divino de criação?

A não ser que os evolucionistas teístas interpretem os textos sobre a morte de modo tão alegórico como fazem com Génesis 1 e 2 (no entanto, o que há de alegórico na morte?), o modelo evolucionista sobre as origens não pode ser harmonizado com as Escrituras. Mas como responder ao desafio de Michael Dowd, que insiste que a Ciência ensina a existência da morte antes da Queda? A resposta é fácil. Como tem sido frequentemente o caso, a Ciência está enganada – e é tudo. ❖

Retirado da *Adventist Review* de 26 de dezembro de 2013.

Pedir, buscar e bater

APRENDA A ORAR CORRETAMENTE E RECEBA “SIM” COMO RESPOSTA

Existem muitos textos na Bíblia que falam sobre a oração. Um dos mais lembrados é o que se encontra no fim do Sermão da Montanha: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e a quem bate, abrir-se-lhe-á. Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra? Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedirem?” (Mat. 7:7-11.)

Este texto é importante, entre outras coisas, porque foi escolhido para terminar o mais longo sermão do Mestre. Entre tantos temas que

poderiam ser tratados por Cristo, Ele escolheu a oração. Contudo, dizer apenas que a oração é importante é diminuir o seu valor, pois ela é

essencial. Quando Ellen White, em *Mensagens aos Jovens*, quis comparar a oração com algo conhecido por nós, ela comparou-a com a respiração, essencial para a vida (ver p. 249).

Apesar de ser essencial, a oração é um tema que apresenta ainda alguns pontos obscuros. Certa vez, um aluno que fazia o seu doutoramento em Princeton perguntou: “O que resta ainda no mundo para ser tema de uma tese original?” Albert Einstein respondeu: “Pesquisem sobre a oração. Alguém tem de investigar a oração.” É verdade que, para algumas perguntas sobre a oração, apenas obteremos respostas no Céu.

Jesus vivia numa comunidade que valorizava muito a oração. Os Judeus costumavam afirmar: “Os seres humanos dificilmente podem ouvir duas pessoas que falam ao mesmo tempo, mas Deus é capaz de ouvir cada um de nós, ainda que todo o mundo clame a Ele ao mesmo tempo.” Sobre a solicitude de Deus era dito: “O homem incomoda-se com os pedidos dos amigos, mas, cada vez que alguém eleva a Deus as suas necessidades em oração, mais Ele o ama.” Quando Jesus proferiu as palavras do texto bíblico que começámos por citar, as pessoas que O escutavam estavam muito familiarizadas com a prática da oração.

O texto citado está dividido em três secções: a promessa, a justificação da promessa e a ilustração da promessa. As palavras de Cristo referem-se a uma oração atendida sempre com um “sim”, o que sugere tratar-se de uma oração incomum. De facto, quantos pedidos o Leitor fez a Deus na última semana? Quantas dessas orações foram respondidas com um “sim”? Então, que oração é esta que recebe sempre um “sim” como resposta?

A promessa

“Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á”, afirmou Jesus (v. 7). O texto por nós citado inicia-se com três ordens: Pedir, buscar, bater. Em grego, estas palavras encontram-se num tempo verbal designado como “imperativo presente”, que transmite a ideia de continuidade. O texto poderia ser escrito assim: Peçam sempre e continuem a pedir; procurem sempre e continuem a procurar; batam sempre e continuem a

bater.” Vê-se aqui uma clara progressão. As palavras estão numa ordem crescente que indica a frequência do ato de orar.

Outra coisa que aprendemos com o tempo verbal utilizado pelo original grego do nosso texto é a necessidade de perseverança. Há pessoas que oram pelo mesmo motivo durante vinte anos. Entretanto, não são muitas as pessoas perseverantes. Quanto tempo persevera em oração por uma causa que é importante para si?

Nós não insistimos em orar para mudar a vontade de Deus, mas sim para nos mudarmos. Como disse o filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard: “Na oração, a verdadeira relação não acontece quando Deus ouve aquilo pelo que se ora, mas quando a pessoa que ora continua a orar até ser ela que ouve o que Deus quer.” Muitas vezes Deus permite que haja uma demora na resposta à nossa oração para que o nosso coração tenha tempo de se tornar mais semelhante ao coração d'Ele e para que compreendamos, se é o caso, que o que estamos a pedir é o melhor para nós. A perseverança na oração ajuda a mudar o nosso coração.

A primeira ordem que encontramos no texto é “pedir”. Esta é uma atitude própria de quem necessita e reconhece a sua necessidade. Há pessoas que necessitam e sabem disso, mas não são suficientemente humildes para pedir. O pedido ao qual o texto se refere é de algo tão essencial como o alimento. Isso fica claro na ilustração alimentar que Jesus usou. Devemos orar, pedindo como um faminto pede comida. O pedido atendido

é aquele que se refere a uma necessidade vital.

A segunda ordem no texto é “buscar”. Ela envolve tomar uma atitude. Quando queremos muito uma coisa, devemos orar e também fazer o que está ao nosso alcance. Orar e agir. Se ora, pedindo um emprego, deve vestir uma roupa apropriada e sair à procura dele. Se ora, pedindo uma solução para um casamento em crise, deve avaliar qual é a sua parte a desenvolver para que o casamento melhore. Se ora por saúde, deve cuidar da sua alimentação e fazer exercício físico. Assim deve acontecer com todas as outras áreas da vida. “Há condições para o cumprimento das promessas de Deus, e a oração nunca pode substituir o dever”, escreve Ellen White em *Parábolas de Jesus*, p. 143. Deus não fará por nós o que nós mesmos podemos fazer. Cada um deve cumprir a sua parte.

A terceira ordem presente no nosso texto é “bater”. Ela apresenta a ideia de não se desistir do que se quer. Jesus deu-nos o exemplo. Ele bate quando quer algo intensamente: “Eis que estou à porta e bato” (Apoc. 3:20). Ele quer muito salvar-nos; por isso, insiste em bater. Assim deve ser também com todos aqueles que desejam receber uma bênção de Deus. Devem persistir com vigor.

A justificação da promessa

“Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e a quem bate, abrir-se-lhe-á”, continuou o Mestre (v. 8). Na justificação da promessa, encontramos novamente os três verbos, mas há um elemento novo. O texto diz



"PEDI, E DAR-SE-
-VOS-Á; BUSCAI
E ACHAREIS;
BATEI, E ABRIR-
-SE-VOS-Á",
AFIRMOU JESUS.

que “todo” o que pede recebe. A oração é um instrumento espiritual democrático: Todos a podem usar. Não importa se se é rico ou pobre, feio ou bonito, alto ou baixo, culto ou ignorante, qualquer um pode ter acesso a Deus. Este acesso foi aberto para nós e podemos ter ousadia para entrar no santuário, “pelo sangue de Jesus” (Heb. 10:19). O acesso é livre para todos os que aceitarem o sacrifício de Cristo. Geralmente, falar com autoridades políticas é difícil, mas falar com a maior autoridade do Universo é fácil. O caminho foi aberto por Cristo.

A ilustração da promessa

“Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra? Se vós, que sois maus, sabeis dar boas dá-

divas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedirem?” (Vv. 9-11.)

Para ilustrar o Seu ensino, Jesus usou a figura do pai humano, que remete para as noções de “amor”, “cuidado” e “proteção”. Perguntei a um pai: “Se o seu filho adoecesse gravemente às três da manhã e o remédio que o curaria só fosse vendido numa cidade a 300 quilômetros de distância, o que faria?” A resposta imediata foi: “Sairia de casa às três da manhã e iria buscar o remédio onde quer que fosse.” Esta, sem dúvida, é a resposta esperada. Qualquer pai amoroso faria isso. Deus é nosso Pai e, por isso, cuida de nós e quer ver-nos felizes, muito mais do que os nossos pais terrestres.

Jesus disse que Deus dará boas coisas aos Seus filhos. Isto quer dizer que, se pedirmos coi-

sas que não serão uma bênção para nós, Ele dir-nos-á “não”. Quem decide o que é bom ou não para nós é Ele, e nós podemos confiar totalmente na Sua onisciência. Um pastor disse certa vez que “nada está fora do alcance da oração, exceto aquilo que está fora da vontade de Deus”.

Contudo, pode surgir uma pergunta: “Porque devo eu pedir, se Deus já sabe o que eu quero e do que eu preciso?” A resposta é simples. Deus deseja que exercitemos a nossa fé. Diz Ellen G. White no livro *O Grande Conflito*: “Faz parte do plano de Deus conceder-nos, em resposta à oração da fé, aquilo que Ele não concederia se não o pedíssemos assim” (p. 439, ed. P. SerVir).

O “sim” de Deus

Dado o que vimos até agora, conseguimos entender alguns aspetos importantes da oração.



Mas uma coisa ainda não foi respondida: Qual é a oração a que o texto de Mateus 7:7 se refere? Que oração é essa que é sempre respondida com um “sim”?

O texto paralelo de Lucas ajuda-nos a entendermos melhor o texto de Mateus. Segundo Lucas, Jesus disse: “Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?” (Luc. 11:13.)

Aqui está a chave para entender a declaração de Jesus. São as orações pedindo bênçãos espirituais que são sempre respondidas com um “sim”. Lucas apresenta-nos a maior bênção espiritual e a fonte de todas as outras bênçãos espirituais: O Espírito Santo.

Não podemos esquecer o contexto em que Mateus 7 foi escrito. Jesus tinha estabelecido

um alto padrão espiritual para a vida cristã ao longo do Sermão da Montanha. Certamente as pessoas que O ouviam estavam a sentir o peso deste desafio. Então o Senhor diz: “Precisam de forças para alcançar o elevado padrão do Sermão da Montanha? Peçam e receberão, busquem e acharão, batam e a porta vos será aberta.”

No Sermão da Montanha, em Mateus, encontramos indicados diversos desafios espirituais: Ser humilde (5:3), ser manso (5:5), ter fome e sede de Deus (5:6), ter misericórdia (5:7), ser puro de coração (5:8), amar a paz (5:9), ser missionário (5:13-16), ser obediente (5:17-20), amar o próximo (5:21-26), manter a fidelidade conjugal (5:27-32), dizer a verdade (5:33-37), perdoar (5:38-42), ser generoso (6:1-4), orar mais (6:5-15), confiar em Deus (6:25-34).

Somente conseguiremos alcançar este padrão com a ajuda de Deus. É por isso que o Senhor disse que, se pedíssemos bênçãos espirituais, teríamos sempre como resposta um “sim”. Qual é a bênção espiritual de que mais precisa? Força para perdoar alguém? Mais comunhão com Deus? Mais fé? Não importa qual seja a bênção espiritual de que necessita, Deus responderá sempre com um “sim”, quando a pedir.

Pode ser que Deus responda “não” ao seu pedido de um carro novo ou de um aumento de salário, mas nunca ouviremos um “não” como resposta aos nossos pedidos espirituais. Por isso, peça, busque e bata, pedindo bênçãos espirituais, e veja a maravilhosa resposta de Deus. ✨

Felipe Amorim, Pastor

Retirado da *Revista Adventista* brasileira de setembro de 2014.

A black and white portrait of Ellen White, a woman with dark hair pulled back, wearing a dark jacket over a white collar. She is looking slightly to the right of the frame.

Texto e contexto

DEZ CONSELHOS PARA INTERPRETAR OS ESCRITOS DE ELLEN WHITE

Várias orientações sobre a melhor maneira de interpretar os escritos de Ellen White têm aparecido em obras Adventistas, uma vez que se trata de um tema de interesse permanente.

Há 60 anos, o professor T. Housel Jemison sugeriu três regras de interpretação simples e práticas no livro *A Prophet Among You*: (1) procure tudo o que o profeta disse sobre o tema em consideração antes de chegar a uma conclusão; (2) estude o contexto, interno e externo, de modo a resolver qualquer aparente discrepância que possa surgir; (3) determine se o conselho do profeta é um princípio (aplicável a todos, em qualquer tempo e lugar) ou um padrão variável (que pode mudar com as circunstâncias).

Por sua vez, em *How to Use and Interpret the Bible and the Writings of Ellen White*, James Zackrisson apresentou cinco categorias de princípios de interpretação dos escritos de Ellen White: (1) princípios sobre a autoridade; (2) princípios sobre a inspiração; (3) princípios que têm que ver com o que se deve fazer; (4) princípios que têm que ver com a interpretação; e (5) princípios que têm que ver com a aplicação universal.

Na seção VI do seu livro *Messenger of the Lord*, Herbert E. Douglass fez uma exposição

ampla de oito regras internas e de oito regras externas de interpretação. Entre outras coisas, ele diz que é necessário entender a relação dos escritos de Ellen White com a Bíblia e a maneira segundo a qual os livros dela foram preparados.

Orientações da autora

A própria Ellen White deixou conselhos para a compreensão adequada dos seus textos inspirados. É muito clara a sua preocupação quanto à interpretação do que lhe foi transmitido. Em 1901, ela escreveu: “Sei que muitos homens tomam os testemunhos que o Senhor tem dado e os aplicam como lhes parece que devem ser aplicados, pegando numa frase aqui e noutra ali, tirando-as da sua devida ligação e aplicando-as segundo as suas ideias” (*Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 44). Será útil, então, recordar alguns dos seus conselhos.

1. *Reconheça a autoridade pastoral e doutrinária dos escritos de Ellen White.* A sua autoridade provém da revelação divina: “O poder de Deus vinha sobre mim e eu era habilitada a definir claramente o que é a verdade e o que é o erro” (*Mensagens Escolhidas*, vol. 3, p. 32).

2. *Tenha em conta o contexto: o tempo, o lugar e as circunstâncias.* Ellen White torna isso explícito: “Quanto aos testemunhos, coisa alguma é ignorada; coisa alguma é rejeitada; o tempo e o lugar, porém, têm que ser considerados” (*Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 57). “Deus quer [...] que raciocinemos movidos pelo senso comum. As circunstâncias alteram as condições. As circunstâncias modificam a relação das coisas” (*Mensagens Escolhidas*, vol. 3, p. 217).

3. *Compreenda a natureza dinâmica da inspiração.* Este texto é esclarecedor: “Se bem que eu dependa tanto do Espírito do Senhor para escrever as minhas visões como para recebê-las, as palavras que emprego ao descrever o que vi são minhas, a menos que sejam as que me foram ditas por um anjo, as quais eu sempre ponho entre aspas” (*Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 37).

4. *Compare um texto com outro e permita que os Testemunhos se expliquem a si mesmos.* Diz Ellen White: “Os próprios Testemunhos serão a chave que explicará as mensagens dadas, como um texto escriturístico é explicado por outro texto escriturístico” (*Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 42).

5. *Não adote o conceito de graus de inspiração.* A autora viu o perigo de tal postura: “Há alguns profetas crentes que aceitam certas porções dos Testemunhos como mensagens de Deus, enquanto rejeitam as que condenam as suas inclinações favoritas. Tais pessoas estão

a trabalhar contra o seu próprio bem-estar e contra o bem-estar da Igreja. É essencial que andemos na luz enquanto a temos” (*Testemunhos para a Igreja*, vol. 9, p. 154).

6. *Aceite as ideias inspiradas, sem procurar apenas provar as suas opiniões.* Ellen White viu que esta é a armadilha em que muitos caem: “Muitos estudam as Escrituras com a finalidade de provar que as suas próprias ideias são corretas. Alteram o sentido da Palavra de Deus para que corresponda às suas próprias opiniões. E procedem também assim com os Testemunhos enviados por Ele. Citam metade de uma frase e omitem a outra metade, a qual, se fosse citada, mostraria que o seu raciocínio é falso. Deus tem uma controvérsia com os que torcem as Escrituras, fazendo com que elas se ajustem às suas ideias preconcebidas” (*Mensagens Escolhidas*, vol. 3, p. 82).

7. *Não se deixe levar por rumores.* O conselho de Ellen White é claro e simples: “Não deem crédito a relatos não autorizados sobre o que a irmã White fez, disse ou escreveu. Se desejam saber o que o Senhor revelou por meio dela, leiam as suas publicações” (*Testemunhos para a Igreja*, vol. 5, p. 696). Segundo Ellen White, não devemos espalhar rumores sobre o que ela disse.

8. *Compreenda o valor permanente dos princípios revelados.* A autora acreditava nos princípios permanentes que lhe tinham sido mostrados: “As instruções dadas nos primeiros tempos da mensagem devem ser conservadas como instruções dignas de confiança para se seguirem nesses seus dias finais” (*Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 41). “O que era verdade então é verdade hoje” (*Mensagens Escolhidas*, vol. 2, p. 104).

9. *Evite as interpretações extremistas.* Em assuntos como a indumentária requer-se equilíbrio: “Existe uma posição intermédia nestas coisas. Oh, possamos todos encontrar sabiamente essa posição e conservá-la!” (*Conselhos sobre Saúde*, p. 605.) A autora apela para a moderação também no tema da alimentação: “Você não precisam de entrar na água, nem no fogo, mas tomem o caminho mediano, evitando todos os extremos” (*Conselhos sobre o Regime Alimentar*, p. 211). “Temos visto na nossa experiência que, se Satanás não conseguir prender as pessoas no gelo da indiferença, ele procurará impeli-las para o fogo do fanatismo” (*Testemunhos para a Igreja*, vol. 5, p. 644). “Devemos guardar-nos de criar extremos, de animar os que tendem a estar ou no fogo ou na água” (*Testemunhos para Ministros*, p. 227).

10. *Espere uma compreensão progressiva das coisas de Deus por parte de Ellen White.* Isto acontecia com os próprios profetas bíblicos: “Durante sessenta anos tenho estado em comunicação com mensageiros celestiais, aprendendo constantemente algo a respeito das coisas divinas e da maneira pela qual Deus está constantemente a atuar, a fim de conduzir pessoas do erro dos seus caminhos para a luz” (*Mensagens Escolhidas*, vol. 3, p. 71).

Além dos benefícios advindos da aplicação dos bons princípios de hermenêutica, é de grande ajuda seguir os conselhos de Ellen White sobre a compreensão dos seus escritos, que são uma bênção para os Cristãos e para toda a Igreja. ✨

Daniel Oscar Plenc
Professor de Teologia

Retirado da *Revista Adventista* brasileira de julho de 2015.

Cimeira Global

sobre Religião, Paz e Segurança

De 23 a 25 de novembro de 2016, realizou-se a Cimeira Global sobre Religião, Paz e Segurança, em Genebra, organizada pela Associação Internacional para a Defesa da Liberdade Religiosa em parceria com o Gabinete das Nações Unidas para a Prevenção do Genocídio. Três Portugueses estiveram presentes, a convite da AIDLR, nessa Conferência: o Dr. José Eduardo Vera Jardim, Presidente da Comissão da Liberdade Religiosa, galardoado com o Prémio “Liberdade e Paz”; o Dr. Fernando Soares Loja, Vice-Presidente da Comissão da Liberdade Religiosa, orador; e o Dr. Emanuel Esteves, Presidente da Assembleia Geral da AIDLR Portugal.

Entrevistamos nestas páginas o Dr. Emanuel Esteves, que nos informará sobre os acontecimentos e as suas impressões sobre a Cimeira.

1. De que tratou esta Cimeira de Genebra, organizada pela AIDLR?

Foi uma “Cimeira Global sobre Religião, Paz e Segurança”, que teve como principal enfoque a consolidação de sociedades inclusivas e pacíficas, bem como a promoção da liberdade religiosa e a prevenção do extremismo e da violência.

2. Como avalia a representação internacional reunida pela AIDLR?

Num dos mais recentes e tecnológicos auditórios da ONU, reuniram-se cerca de duzentas pessoas: políticos, líderes religiosos, agentes humanitários, juristas e activistas, provenientes de inúmeros países, vários continentes e representando um enorme leque de correntes religiosas, desde os agnósticos até aos Cristãos (Católicos, Protestantes, Adventistas do Sétimo Dia), passando pelos Muçulmanos (de várias tendências), Bahá'í, Judeus, Budistas e Hindus. Aparentemente seria uma grande confusão, mas o ambiente que se respirou foi de plena tolerância (no seu sentido jurídico internacional) e respeitadora inclusividade. Não foi o espírito ecuménico, mas multiconfessional. Não foi a prestação de culto sob qualquer égide, mas a abordagem de um conjunto de assuntos que marcam a actualidade e que preocupam seriamente todos os “Homens de bem”, quem quer que eles sejam e venham de onde vierem: a defesa da liberdade religiosa e o respeito pelas minorias não extremistas e não violentas.

3. E, por consequência, como avalia a imagem da AIDLR e da IASD ao nível internacional, relativamente à defesa da liberdade religiosa e à promoção dos valores da paz?

Foi tocante constatar o respeito de todos pela AIDLR, seu trabalho e seus dirigentes, com destaque para o Presidente Pastor Mário Brito e para o Professor Doutor Líviu Olteanu, Secretário Geral da AIDLR na Europa. O prestígio desta associa-



ção, suportada e apoiada pela IASD, é transbordante e demonstra-se pela forma como os seus dirigentes são considerados pelos líderes e agentes internacionais. Sente-se claramente a presença da acção do Espírito Santo, que usa homens e mulheres em defesa dos filhos de Deus e no respeito mútuo entre os homens. Consegui recordar as magnas reuniões de Jesus Cristo com pessoas de todas as proveniências e de todos os credos. Consegui recordar a larga e inclusiva acção do Apóstolo Paulo, cuja prioridade pareceu ser alcançar povos e comunidades altamente incrédulos ou naturalmente rejeitadores das ideias ensinadas por Cristo, apesar da tremenda falta de liberdade religiosa de que Paulo foi vítima. Soube viver a sua missão!

4. O Dr. Emanuel Esteves acompanhou dois convidados institucionais portugueses nessa viagem. Como qualifica a experiência de ver representantes portugueses, não-Adventistas, condecorados e convidados pelo seu papel na área da liberdade religiosa?

Foi uma experiência que muito me honrou e uma oportunidade excelente de constatar o que atrás ficou

dito, mas à medida do nosso país. A AIDLR Portugal tem feito um excelente e dinâmico percurso, tem marcado presença em momentos cruciais da Liberdade Religiosa e tem mostrado uma Igreja Adventista do Sétimo Dia inclusiva, apesar de tantas vezes ser vítima da intolerância. Foi-me concedido o privilégio de acompanhar o Dr. Eduardo Vera Jardim, Presidente da Comissão para a Liberdade Religiosa. Homem que marcou a história da liberdade religiosa em Portugal, a quem se deve grandemente a lei portuguesa que regula este princípio. Advogado, publicamente agnóstico, defende uma linha muito parecida com a que a AIDLR defende e promove. Antigo Ministro da Justiça, para além de outras funções da sua rica carreira como político, é um cidadão exemplar, profundamente conhecedor da realidade da liberdade religiosa, em Portugal e a nível internacional. Participou nesta Cimeira como prelector convidado e para receber uma honrosa distinção da AIDLR. Com ele foi o Vice-Presidente da referida Comissão, o Dr. Fernando Soares Loja. Igualmente prelector convidado, deu um brilho peculiar à Cimeira. Cristão, prestigiado líder Evangélico, Advogado, é um enorme defensor dos



princípios da liberdade religiosa. A amizade e a dignidade com que vi ambos estes ilustres representantes portugueses conversarem com o Pastor Mário Brito e o Professor Doutor Líviu Olteanu, e a cortesia que sempre demonstraram para comigo e para com o Dr. Paulo Sérgio Macedo, demonstram de forma sincera e erudita o prestígio da AIDLR Portugal e dos seus dirigentes ao longo dos tempos. Foi emocionante que ambos tivessem mostrado enorme interesse em visitar alguns “vestígios” da Reforma, em Genebra, apesar do pouco tempo livre de que dispusemos. Agradeço ao Senhor o privilégio de ter viajado e convivido com estes dois filhos de Deus, por mais de três dias.

5. O que lhe diz esse facto sobre o ambiente relativo ao fenómeno religioso em Portugal?

Muitas conquistas foram confirmadas, ao longo dos anos. A AIDLR Portugal tem efectuado um trabalho notório e que dignifica a Igreja, revelando à sociedade portuguesa um Deus inclusivo e de grande amor. Há, ainda, algumas preocupações, que estão lucidamente patentes em ambos os dirigentes da Comissão para a Liberdade Religiosa. Por isso, é tempo de louvarmos o nosso Deus e de confiarmos n'Ele. É tempo de evitarmos ser hostis seja contra quem for. A hostilidade nunca foi o método de Cristo. Ele foi sempre inclusivo. Ora, se somos Cristãos, deveremos defender os mesmos padrões e agir em conformidade. O panorama português ainda tem outra particularidade, com a chegada dos refugiados. Como vai a IASD viver esta conjuntura?

6. E o que ficou a saber sobre esse ambiente ao nível internacional?

A nível internacional, salientam-se dois aspectos que mais preocuparam os participantes na Cimeira: em primeiro lugar, a problemática dos refugiados e a intolerância de que são vítimas, quer nos países de origem, quer na Europa da liberdade que eles pro-

curam. Em segundo lugar, a violação da liberdade religiosa em muitos países e sociedades, que atinge proporções verdadeiramente alarmantes e de cariz genocídico. Sente-se mesmo que há países em que o conceito de liberdade religiosa é totalmente desconhecido. O terrorismo político está muitas vezes associado a condutas violentas e criminosas contra os fiéis de diferentes tendências, evoluindo mesmo para um autêntico “terrorismo religioso”. Estamos num tempo em que muitas pessoas perdem a vida só porque têm uma fé diferente de alguns extremistas pretensamente religiosos. No passado, há séculos, isto passou-se entre alegados Cristãos, que perseguiram, torturaram e mataram outros. Aquilo que agora presenciamos parece ser um recuo de séculos na história



da Humanidade. É tempo de oração e de conjunção de forças, a bem da paz e da liberdade religiosa. Estes valores são reconhecidamente defendidos por Cristo. E nós somos Cristãos. Ou não?

7. Uma frase final sobre esta experiência...

Que Deus nos conceda lucidez, discernimento, humildade e vontade, para sabermos desfrutar e reconhecer a liberdade religiosa, que, apesar de tudo, ainda respiramos, e que nos ensine a respeitar os demais da forma que desejamos ser respeitados. Que Deus abençoe intensamente os dirigentes da IASD que estão envolvidos nesta importantíssima obra. ✨

Paulo Sérgio Macedo

Diretor da Associação Internacional para a Defesa da Liberdade Religiosa em Portugal.

Esta entrevista foi realizada por escrito. A pedido do entrevistado, a grafia utilizada é a anterior ao Acordo Ortográfico.

Planos e detalhes



Estávamos em 1911 e vários exploradores acalentavam o projeto de viajar até à região mais remota do mundo. Duas equipas partiram para serem as primeiras na história da Humanidade a viajar até ao Polo Sul (a Antártida). A maior diferença entre as duas equipas era a sua planificação e a sua preparação para a viagem, o que veio a fazer toda a diferença no fim da história.

Uma equipa era liderada por Roald Amundsen, que tinha estudado rigorosamente os métodos de viagem dos Esquimós e de outros povos que viajavam em climas semelhantes. Após um estudo cuidadoso e depois de profunda reflexão, ele decidiu que o melhor modo de chegar ao Polo Sul era viajando de trenó puxado por cães. Em seguida, ele escolheu uma equipa de experimentados esquiadores e determinou objetivos razoáveis para cada dia, assegurando-se de que os cães tinham bastante alimento e repouso. O seu planeamento cuidadoso permitiu que a sua equipa alcançasse o seu objetivo sem

grandes desastres. De facto, o único incidente que a sua equipa teve de enfrentar foi a necessidade de extrair um dente infetado de um dos seus membros.

Infelizmente, a outra equipa, comandada por Robert Falcon Scott, teve uma experiência completamente diferente. Scott, um oficial naval britânico que tinha liderado uma anterior expedição antártica, não planeou minuciosamente a sua expedição, como mostra a sua escolha de trenós motorizados e pôneis como meios de transporte para efetuar a viagem. Os problemas começaram logo que a expedição se iniciou. Os veículos motorizados avariaram-se após os primeiros cinco dias, e os pôneis, que nunca tinham experimentado um frio tão intenso, tiveram de ser abatidos na base das Montanhas Transárticas. Depois de ter perdido os pôneis, a equipa de Scott teve de arrastar os pesados trenós, pelo que os seus membros começaram rapidamente a perder energia.

Para tornar as coisas ainda mais complicadas, as suas roupas

não eram apropriadas para o tempo atmosférico que enfrentavam, fazendo com que muitos membros da equipa sofressem queimaduras provocadas pelo frio. Além disso, os membros da equipa começaram a ficar cegos pelo reflexo da luz na neve, porque não tinham óculos de proteção. Como se isto não fosse suficiente, a comida e a água começaram a escassear como resultado da imprevidência de Scott e do facto de ele ter adicionado um quinto membro à equipa à última da hora. Espantosamente, a equipa de Scott conseguiu chegar com vida ao Polo Sul, mas em más condições físicas. E ali, à sua espera, estava a bandeira norueguesa. Amundsen, por causa da sua prudente atenção aos detalhes, tinha conseguido alcançar o seu objetivo e tinha atingido o seu destino um mês antes do seu adversário.

É importante prestarmos cuidadosa atenção aos detalhes que nos ajudarão a alcançarmos os nossos objetivos. ✨

Retirado da revista *Guide*

Ensina o Génesis que a Terra pré-existia sem forma antes da semana da Criação?

“**N**o princípio, criou Deus os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.” Génesis 1:1 e 2.

Tem-se gasto muita tinta sobre o sentido dos primeiros dois versículos da Bíblia. A primeira frase – “No princípio, criou Deus os céus e a terra” – tem sido vista como: (1) um sumário ou um título do que se segue nesse capítulo; (2) a criação desta Ter-

ra, com vida nela, muitos milhões ou biliões de anos antes da semana da Criação de sete dias; (3) a criação do Universo, incluindo a Terra no seu estado informe, muito antes da semana da Criação de sete dias, que ocorreu há 6000-10 000 anos; (4) a

criação do Universo no primeiro dia da semana da Criação de sete dias; (5) a primeira parte do primeiro dia da semana da Criação de sete dias, muito depois da criação do Universo.

As primeiras três hipóteses requerem que a Terra tenha existido num estado informe antes da semana da Criação de sete dias.

“**No início.**” Uma interpretação possível da palavra hebraica *bereshit* consiste em traduzir esta primeira palavra da Bíblia como “No princípio quando...”¹ A

Nova Bíblia Padrão Revista (Americana), por exemplo, traduz Gênesis 1:1 e 2 da seguinte forma: “No princípio quando Deus criou os céus e a terra, a terra era um vazio sem forma...” Traduções semelhantes podem ser encontradas em várias traduções modernas da Bíblia, como a tradução de *Moffatt*, a *Nova Bíblia da Sociedade de Publicações Judaicas*, a *Nova Bíblia Inglesa* e a *Nova Bíblia Americana*. De acordo com estas traduções, o Universo – ou esta Terra num estado informe (dependendo do modo como se compreende a expressão “céus e terra”) – já existia quando Deus começou a semana da Criação. Portanto, Gênesis 1:1 não descreveria uma criação a partir do nada (*creatio ex nihilo*), mas poderia abrir a porta para a ideia de que Deus e a matéria existiam eternamente lado a lado. O primeiro ato da Criação teria sido a criação da luz no versículo 3, não a criação dos “céus e da terra”. Embora esta seja uma interpretação possível, não há uma razão gramatical que nos force a adotar esta versão moderna apresentada por algumas traduções.

A tradução tradicional do versículo 1 é: “No princípio criou Deus os céus e a terra.”² Esta tradução encontra-se nas versões antigas (a *Septuaginta grega*, o *Pentateuco samaritano*, a *Bíblia siríaca*, a *Vulgata latina*) e na maioria das versões, como, por exemplo, a *New King James*, a *Versão Padrão Revista*, a *Nova Versão Internacional*. Embora esta tradução defenda a ideia da criação a partir do nada, não exclui a possibilidade de que este evento criador tenha ocorrido muito tempo antes da semana

da Criação de sete dias mencionada em Gênesis 1.

“Os céus e a terra.” A expressão “os céus e a terra”³ ou “o céu e a terra” aparece cerca de quarenta vezes na Bíblia; cinco vezes encontramos os termos “terra e céu” e outras quatro vezes é usada a expressão “céu dos céus” (I Reis 8:27; II Crônicas 2:6;

6:18; Neemias 9:6), que alguns interpretam como sendo uma expressão hebraica para designar o Universo. Cerca de um terço dos textos refere-se à criação do céu e da Terra (Gênesis 1:1; 2:1, 4; Êxodo 20:11; 31:17; Salmos 11:15; 121:2; etc.); seis textos declaram que Deus é o dono do céu e da Terra (Gênesis 14:19, 22; I Crônicas 29:11; Mateus 11:25; Lucas 10:21; Atos 17:24). Em Ageu o Senhor promete que Ele irá abalar o céu e a Terra (2:6, 21) e, segundo Joel 3:16, o rugido do Senhor desde Sião irá fazer tremer o céu e a Terra. Jesus afirmou que o céu e a Terra irão desaparecer (Mateus 24:35; Marcos 13:31; Lucas 21:33), e Isaías (65:17; 66:22) e Pedro (II Pedro 3:13) aguardavam “novos céus e nova terra” que o Senhor irá criar.

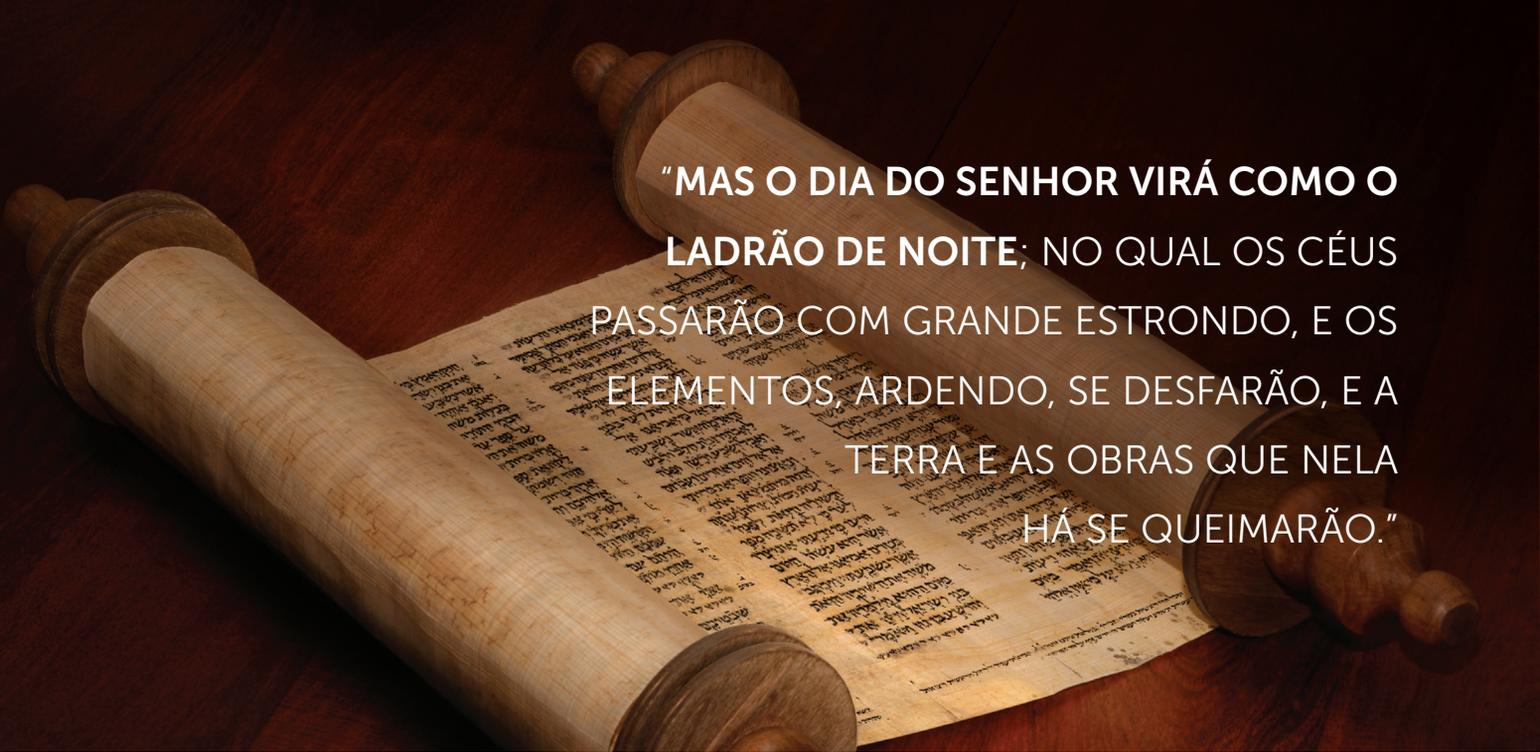
A expressão “céu e terra” é geralmente compreendida como uma enumeração de dois opo-

tos para se indicar uma totalidade, como “dia e noite”, que tem o sentido de “o tempo todo”. A expressão “céu e terra” representaria assim “o Universo organizado em que vive a Humanidade”.⁴ Deste modo, Gênesis 1:1 é interpretado como um título do texto que se segue ou como uma referência à criação do Universo

EM ISAÍAS 65:17 DEUS DIZ: “PORQUE, EIS QUE CRIO CÉUS NOVOS E NOVA TERRA”; E EM APOCALIPSE 21:1 JOÃO VÊ “UM NOVO CÉU E UMA NOVA TERRA”, QUE SUBSTITUEM OS ANTIGOS “CÉU E TERRA”.

há milhares de milhões de anos. Outros interpretam a frase num sentido mais restrito, para que ela signifique o sistema solar,⁵ enquanto alguns a restringem ainda mais para a aplicarem apenas à Terra e ao céu atmosférico que a rodeia. W. H. Shea, por exemplo, afirma: “Um exame das ocorrências [em que a expressão 'céu e terra' é usada no relato da Criação] mostra que a palavra 'céus' não se foca no Universo, mas nos céus atmosféricos que rodeiam esta Terra. [...] Assim, o foco do uso da frase 'céus e terra' em Gênesis 1 está colocado sobre esta Terra, não sobre o Universo ou os céus estrelados. Isto demonstra a ênfase geocêntrica deste relato da Criação.”⁶

Em Isaías 65:17 Deus diz: “Porque, eis que crio céus novos e nova terra”; e em Apocalipse 21:1 João vê “um novo céu e uma nova terra”, que substituem os antigos



“MAS O DIA DO SENHOR VIRÁ COMO O LADRÃO DE NOITE; NO QUAL OS CÉUS PASSARÃO COM GRANDE ESTRONDO, E OS ELEMENTOS, ARDENDO, SE DESFARÃO, E A TERRA E AS OBRAS QUE NELA HÁ SE QUEIMARÃO.”

“céu e terra”. Não há qualquer sugestão nas Escrituras de que a totalidade do Universo está aqui a ser substituída. Pedro diz: “Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra e as obras que nela há se queimarão.” Pedro não está aqui a dizer que o Universo será consumido pelo fogo, mas que apenas será renovado aquilo que foi maculado pelo pecado. Embora este versículo não prove que não existe um hiato temporal entre Génesis 1:1 e 1:2, se “céus e terra” no versículo 1 não se referem ao Universo, mas a este Planeta e àquilo que o rodeia, há menos necessidade de ver um hiato temporal.⁷

“E a terra era sem forma e vazia.” A frase hebraica *tohu wa-bohu* (“informe e vazia”) consiste em dois nomes ligados por “e”. *Tohu*, que aparece algumas vezes sozinho na Bíblia, pode significar “inanimidade”, “vazio” (Isaías 29:21), ou “lado nenhum” (Job

6:18). A palavra é usada para se referir à “vanidade” dos ídolos (I Samuel 12:21), à “insignificância” das nações aos olhos de Deus (Isaías 40:17) e às “declarações vazias” no tribunal (Isaías 59:4). A segunda palavra, *bohu*, aparece apenas duas vezes no resto das Escrituras, e em cada uma delas acompanhada de *tohu* (Isaías 34:11; Jeremias 4:23), referindo-se em ambas as vezes à desolação e vacuidade da Terra como resultado do juízo de Deus. Em Génesis 1, no contexto da Criação, a frase *tohu wa-bohu* refere-se ao estado desorganizado da Terra antes de a Palavra divina ter introduzido ordem nela.

Interpretações

1. Génesis 1:1 como título.

Se o versículo 1 é um sumário ou um título, então não nos é dito quando Deus criou a matéria informe da Terra ou, sequer, se Ele criou a matéria; a matéria podia ter existido desde a eternidade, uma ideia que o resto

das Escrituras recusa (Salmo 33:6; Romanos 4:17; Hebreus 11:1). Segundo esta perspectiva, o estado da Terra como “informe e vazia” – no versículo 2, o começo do relato da Criação – é visto como um “mistério”.⁸

2. A teoria da ruína e restauração. Alguns Cristãos acreditam que Génesis 1:1 se refere à criação deste mundo físico e da vida que nele existiu num momento do tempo, muito antes da semana da Criação de sete dias, mas que um terrível cataclismo obliterou todos os traços de vida na Terra e reduziu a sua superfície a um estado que pode ser descrito como sendo “sem forma e vazio”. Esta teoria é ensinada pela *Bíblia de Referência Scofield*.

Depois de Charles Darwin ter publicado o seu livro intitulado *A Origem das Espécies*, em 1859, muitos Cristãos pensaram que tinham encontrado nesta interpretação o meio de harmonizar o relato Mosaico da Criação com a ideia de que a Terra tinha passado por longas eras de mudança

geológica, como é advogado pela Teoria da Evolução. Segundo esta perspectiva, o pecado, o sofrimento e a morte existiram milhões de anos antes da criação de Adão e Eva. No entanto, a Bíblia diz claramente que a morte entrou no mundo apenas como resultado do pecado de Adão, após a semana da Criação de sete dias (Romanos 5:12).

3. A teoria do “hiato passivo”. Esta teoria compreende Gênesis 1:1 como uma referência à criação do Universo, incluindo a Terra no seu estado informe, há milhares de milhões de anos. Há vários milhares de anos, o Espírito Santo pairou sobre as águas e ocorreu a Criação em sete dias. Esta tem sido uma teoria há muito aceite na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Contrariamente à teoria da ruína e restauração da *Bíblia Scofield*, os Adventistas não acreditam que existiu vida na Terra antes de Gênesis 1. Apenas rochas que não tenham fósseis podem ter milhares de milhões de anos.

4. Criação do Universo no primeiro dia. Esta perspectiva vê a criação de tudo o que existe no Universo, incluindo Lúcifer e os anjos, no primeiro dia da semana da Criação de sete dias, há vários milhares de anos. Esta perspectiva é propagada pelo Instituto de Pesquisa da Criação e pela Organização Respostas-no-Gênesis. No entanto, segundo Job 38:4-7, outros seres criados já existiam quando os fundamentos do mundo foram colocados. Além do mais, a compreensão Adventista do grande conflito⁹ entre Cristo e Satanás (Apocalipse 12:7 e 8) pressupõe a existência de Sata-

nás e dos anjos antes da criação da Terra.

5. A teoria tradicional da Criação. Esta perspectiva, defendida por Lutero e Calvino, e por muitos outros Cristãos desde então, compreende Gênesis 1:1 como sendo parte do primeiro dia da semana da Criação. Assim, o versículo 2 descreve a condição da Terra imediatamente após a criação “dos céus e da terra” (o nosso sistema planetário) e antes da criação da luz. O quarto mandamento diz: “Em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há” (Êxodo 20:11; 31:17; Atos 4:24; 14:15). Segundo a teoria tradicional da Criação, a frase “e tudo o que neles há” inclui o material informe dos céus e da terra.

Duas perspectivas possíveis na Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ao lermos Gênesis, devemos lembrar-nos de que Moisés não estava a escrever um relatório científico. Ele usou a linguagem das aparências. Ele descreveu o processo da Criação como ele teria parecido a um observador que estivesse algures no Espaço, vendo Deus criar o mundo.

No que toca à questão: “Ensina o Gênesis que a Terra pré-existia sem forma antes da semana da Criação?”, a *Enciclopédia Adventista do Sétimo Dia* diz: “Os ASD sempre afirmaram a sua crença na criação *ex nihilo* – que Deus não necessitou de matéria pré-existente quando trouxe a Terra à existência. Eles têm geralmente dado por adquirido que foi no primeiro dia da semana da Criação que Ele trouxe à existência a matéria que compõe a Terra e que Ele passou imedia-

tamente à obra realizada nos seis dias. No entanto, quase desde o início, alguns ASD têm concebido que o relato de Gênesis pode ser compreendido como dizendo que Deus trouxe, pela palavra, à existência a substância da Terra, algum tempo antes dos acontecimentos ocorridos nos seis dias literais da Criação.”¹⁰

Assim, o primeiro capítulo no Gênesis permite que se defenda tanto a teoria do hiato passivo como a teoria tradicional da Criação. Este é um dos grandes capítulos da Bíblia, apresentando-nos o extraordinário poder do Deus Criador e dizendo-nos que somos Suas criaturas. Ele provê a base para tudo o que se segue e, como tal, merece o nosso estudo cuidadoso. ♣

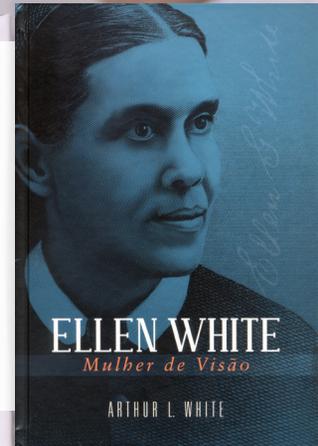
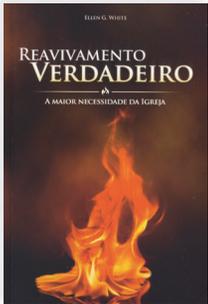
Gerhard Pfandl
Teólogo

Artigo retirado da obra
Interpreting Scriptures.

1. Neste caso *bereshit* é tratado como um nome no estado construído e o versículo 1 é visto como uma cláusula dependente e temporal.
2. Esta perspectiva interpreta *bereshit* como um nome no estado absoluto e a primeira frase como uma cláusula independente.
3. A palavra hebraica *shamayim* (“céus”), embora seja uma palavra plural, é frequentemente traduzida como um nome singular.
4. Bruce K. Waltke, *Genesis*, Grand Rapids, MI: Zondervan, 2001, p. 59. O acadêmico judeu U. Cassuto, no entanto, afirma o seguinte: “Esta perspectiva é incorreta. O conceito da unidade do mundo permaneceu desconhecido entre os Israelitas até um período posterior, e depois desse período o termo apropriado para ele foi imediatamente cunhado” (*From Adam to Noah*, Jerusalem: Magnes Press, 1978, p. 20).
5. Adam Clarke, *The Holy Bible*, 6 vols, New York, NY: Abingdon-Cokesbury Press, s.d., vol. 1, p. 30.
6. William H. Shea, “Creation”, *Handbook of Seventh-Day Adventist Theology*, ed., Raoul Dederen, Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000, p. 420.
7. Neste caso, as rochas, como as árvores e Adão e Eva, teriam sido criadas com uma idade aparente.
8. Bruce K. Waltke, “The Creation Account of Genesis 1:1-3, Part IV”, *Bibliotheca Sacra*, 1975, p. 338.
9. Veja Ellen White, *Spiritual Gifts*, 4 vols, Washington, DC: Review and Herald, 1945, vol. 3, pp. 36-38.
10. “Creation” in *The Seventh-Day Adventist Encyclopedia*, ed. Don F. Neufeld, Hagerstown, MD: Review and Herald, 1976, p. 357.

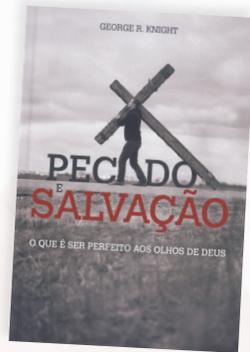
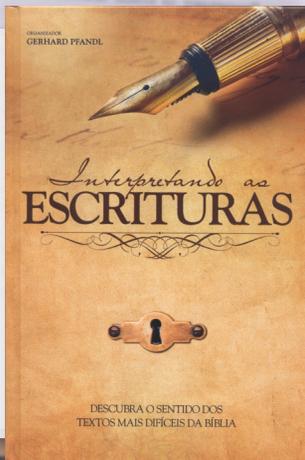
Livros do Brasil

Novidades



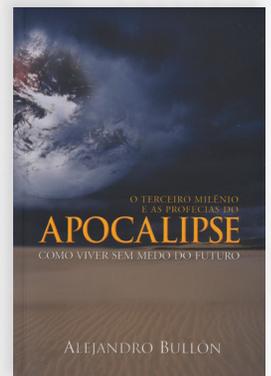
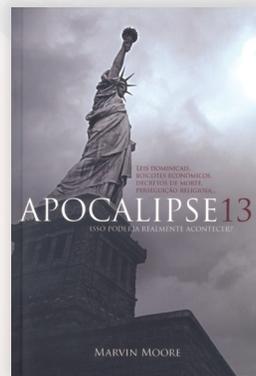
Igreja

Teologia



*Aprofunde
conhecimento,
cresça em
espiritualidade.*

Profecia



LIGUE 21 962 62 00

CLIENTES@PSERVIR.PT

LIVRARIA DA SUA IGREJA